

ILUSTRAÇÃO

N.º 253 — 11.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os saãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

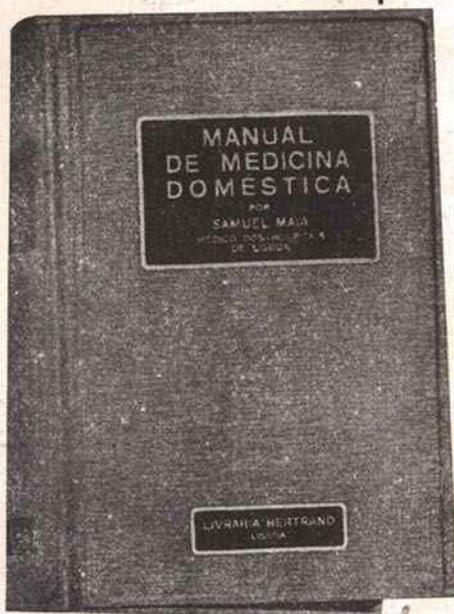
E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



E' a de Santo Amaro de Oeiras a praia que prefere?

Compare o que lhe custa uma viagem isolada e o que lhe custa a mesma viagem com assinatura em séries de 52 viagens, que podem ter início em qualquer dia do mês:

	2.ª classe	3.ª classe
1 viagem isolada de ida e volta custa.....	8\$05	5\$35
A mesma viagem de ida e volta custa aos possuidores de		
1 cartão para 26 viagens válido por 1 mês...	6\$24	4\$07
2 cartões » 52 » válidos por 2 meses	5\$74	3\$76
3 » » 78 » » » 3 »	5\$26	3\$44
4 » » 104 » » » 4 »	4\$86	3\$17

Se fôr a Santo Amaro de Oeiras com assinatura

	2.ª classe	3.ª classe
26 vezes num mês.... ECONOMISA	47\$30	33\$35
52 » em 2 meses, ECONOMISA	119\$80	83\$05
78 » » 3 » ECONOMISA	217\$85	149\$30
104 » » 4 » ECONOMISA	332\$50	226\$80

Sendo passageiro de 2.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

21 vezes num mês.....	} Compre uma assinatura
38 » em 2 meses.....	
51 » » 3 ».....	
65 » » 4 ».....	

Sendo passageiro de 3.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

20 vezes num mês.....	} Compre uma assinatura
37 » em 2 meses.....	
51 » » 3 ».....	
62 » » 4 ».....	

Dirija-se à Estação do Caminho de Ferro no Cais do Sodré se pretender mais esclarecimentos

ILUSTRAÇÃO
 Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
 Editor: José Júlio da Fonseca
 Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
 Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Brasil.....	—	67\$00	134\$00
(Registada).....	—	91\$00	182\$00
Outros países.....	—	75\$00	150\$00
(Registada).....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acaba de sair a 40.ª edição da novela

DOIDA DE AMOR

DE ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 volume brochado..... **Esc. 12\$00**

Pelo correio, à cobrança, **Esc. 13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett 75 - LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
OS REUMATISMOS
 Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica
 É o unico frasco basilar para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

ESTÁ À VENDA A

7.ª EDIÇÃO - II.º milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. **Esc. 12\$00**

Pelo correio à cobrança . . . **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Uma Moda Nova em Pó de Arroz

Faz uma Surpreendente Diferença



O mais feio nariz luzidio e a pele mais grosseira e mais enrugada revestem-se rapidamente duma surpreendente beleza quando se emprega este pó de arroz, moda nova.

Pesquisas científicas revelaram um novo ingrediente que faz permanecer o pó de arroz durante todo o dia. Chama-se "Mousse de Crème". Misturada ao pó de arroz, permite a toda a mulher conservar o rosto fresco encantador, mesmo com vento ou num dia frio e chuvoso.

Embora dançando na mais aquecida das salas de baile, ela mantém o rosto sem o menor

vestígio de luzidio ou de gordura. A "Mousse de Crème" está agora misturada com o Pó Tokalon, segundo um processo registado. Este maravilhoso ingrediente torna o Pó Tokalon inteiramente diferente e dá uma surpreendente beleza ao rosto, impossível de obter com os pós ordinários.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon - 88, Rua da Assunção, Lisboa - que atende na volta do correio.

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Her-
culano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume.
— Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, cinco
volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão
Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. —
Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de
Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel
Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três
volumes. — Trancoso, um volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.^a edição, 7.^o milhar

Recordações e Viagens

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 320 págs., broch. **12\$00**
Pelo correio à cobrança **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

o 5.^o volume

CAMÕES LÍRICO

CANÇÕES

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra *Camões Lírico*, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. **12\$00**
Pelo correio à cobrança **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL CASUIDICA E DOCTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

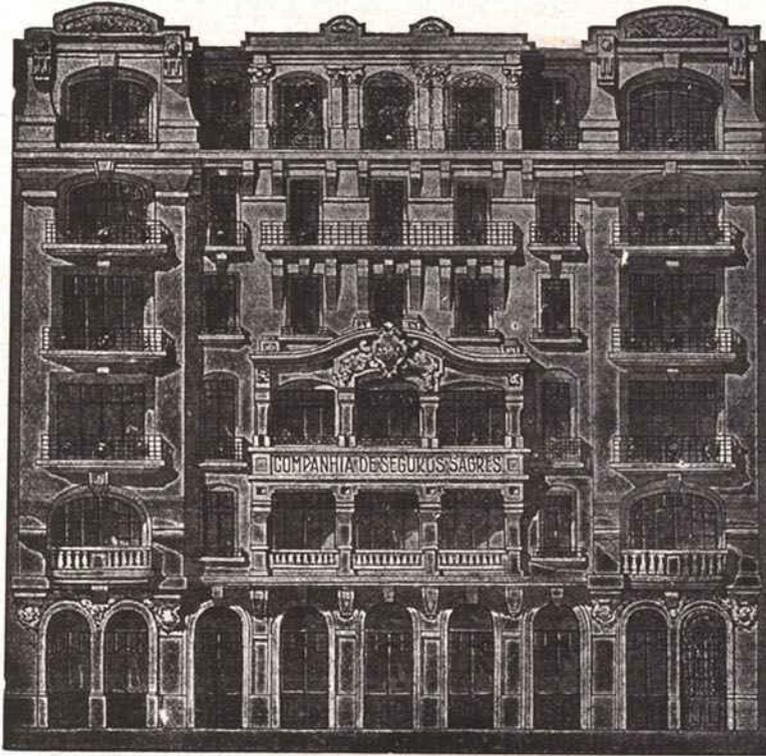
Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. **Esc. 25\$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se estejam na fantasia e de-pertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neurriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



FLIT MATA AS MOSCAS E OS MOSQUITOS



Usai o Flit para nunca mais serdes incomodados por moscas e mosquitos. O Flit opéra seguramente, tornando o vosso lar confortável e livre de germens propagadores de doenças. O Flit não mancha e é inofensivo para as pessoas e animais. Exija sempre a lata amarela selada com a gravura do soldado e a lista preta.



Polvilhe com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes que nelas existirem.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

Acaba de aparecer a 3.^a edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. AGOSTINHO DE CAMPOS

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAIR

A 5.^a edição, 8.^o milhar

CÓMICOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 volume de 252 págs. broch. 12\$00

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Compre já na farmácia mais próxima uma "apólice de seguro contra dores", quer dizer, um tubo de Cafiaspirina na conhecida embalagem original Bayer

Esta apólice custa só 13 escudos — despêsa ínfima, que vale bem a pênna, para poupar sofrimentos inúteis e os prejuizos que deles podem resultar



Cafiaspirina

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O Verão veio tarde este ano. Ou se preferem, o Inverno demorou em se ir embora. Um e outro manifestaram incompreensíveis vagares, movidos não sabemos por que estranho capricho. Dir-se-ia que hesitavam, um em instaurar o seu domínio, o outro em abandoná-lo. E nada nos prova que o Verão se tenha fixado de vez. Nem nos surpreenderia, em tão incertas condições climatéricas, que o amanhecer dum destes dias nos trouxesse de novo as brumas e o vento agreste em que este ano tem sido fértil.

Entretanto, os belos frutos vão amadurecendo, mais por um hábito transmitido através de inúmeras gerações, do que estimulados pelo sol criador, que este ano brilhou em parcimónia.

E porque os bens são tanto mais apreciados quando mais raros, é que quisemos render nesta página a homenagem ao verão que acaba de chegar. A imagem da colheita das cerejas aí fica a entoar louvores a este começo de estação.

O estatuto da S. D. N. vai sofrer uma reforma. A questão, que já de há muito anda no espírito internacional, foi levantada na reunião do Conselho pelo delegado do Chile. Duas teses se encontraram ali em presença: a dos que pretendem contrariar essa reforma e a dos que a consideram necessária e até urgente. Portugal foi o porta-voz destes últimos.

Não se pode por enquanto imaginar ao certo em que consistirá essa reforma. Mas muitos se inclinam a considerá-la como única saída para a complicada situação actual.

Que a reforma consiga, porém, aumentar a eficácia do organismo de Genebra, não é coisa de acreditar. Não há cláusulas por mais hábilmente redigidas que possam impedir um acto de força, quando ele seja praticado com audácia e oportunidade.

A modificação projectada deve ter portanto em vista tirar dos ombros débeis da S. D. N. o fardo esmagador das responsabilidades. Os seus malogros, que a imperfeição dos homens torna inevitáveis, serão assim menos humilhantes.

Teremos assim um organismo de ambições comedidas, com todas as característi-

CRÓNICA DA QUINZENA

cas duma vasta e sonolenta repartição pública.

Um paralelo entre a viagem do Negus pela Europa e a de Paul Kruger em 1900 após a derrota dos Boers, tornou-se uma ideia trivial, sem o mais pequeno mérito da originalidade. Em todo o caso a comparação não é isenta de certo sabor picante, que a torna recomendável.

Lembremos pois que o presidente Kruger chegou a bordo dum navio de guerra holandês a Marselha onde uma multidão enorme o saudou. Dali dirigiu-se a Paris, onde foi recebido pelo próprio presidente Loubet. Visitou depois muitos países da Europa, entre eles Portugal. Mas absteve-se de ir a Itália, nesse tempo amiga fiel da Grã-Bretanha.

Finalmente, o chefe do povo Boer veio a fale-

cer em 1902, perto de Genebra, onde o Negus trava hoje o seu último combate. E esta coincidência de lugar não é das menos singulares.

Sobre o grande escritor Maximo Gorki, que acaba de morrer, contam-se várias aneddotas, em que a sua vida agitada e inquieta foi fértil. Ainda na sua fase de vagabundo, mas quando começava já a afirmar-se como um extraordinário romancista, aconteceu-lhe um dia ser preso por uma questão de somenos importância. No posto policial quando declinou a sua identidade, o chefe perguntou-lhe:

— Gorki? É o senhor que escreve contos?

E como ele o confirmasse, o chefe da polícia prosseguiu.

Nesse caso escreva um conto para mim e restitui-lo-ei à liberdade.

Gorki assim fez, satisfeito por ter encontrado um agente da autoridade que manifestava tanto apreço pelas belas letras. Qual não foi o seu espanto ao encontrar três dias depois num jornal da terra o seu conto... assinado pelo chefe da polícia.

Há cerca de 40 anos apresentaram-se dois rapazes ao director da Ópera Kazan, a oferecerem os seus serviços. Um era tenor e outro baixo. Submetidos a um exame, o primeiro foi aprovado. Quanto ao segundo o director, tirou-lhe todas as esperanças de vir a conseguir qualquer coisa na arte do canto.

O tenor era Maximo Gorki, o baixo, Fedor Chaliapine.

Gorki contava que o gosto da leitura lhe foi dado por um cozinheiro brutal e quem servia de ajudante. Para o obrigar a ler em voz alta, o cozinheiro espancava-o.

Tendo ficado órfão com a idade de 4 anos, Gorki foi criado por uma avó, em companhia de tios brutais. Um dia perguntou à avó porque eram os tios tão maus.

Não são maus — respondeu-lhe ela — São estúpidos.

E Gorki pretendia que era deste dito que provinha a sua infinita indulgência para com os maus.

M. R.



VISITA MINISTERIAL EM AVIÃO

Os srs. ministro da Marinha e do Comércio e Indústria visitaram no mês findo em avião as forças navais que faziam manobras ao longo da nossa costa com base em Setúbal. Para esse efeito, o Centro de Aviação Naval de Bom Sucesso aprontou cinco hidro-aviões onde tomaram lugar os

srs. comandante Ortins de Bettencourt e dr. Pedro Teotónio Pereira e as pessoas que os acompanhavam. Após vinte minutos de voo a esquadilha sobrevoava o estuário do Sado onde se encontravam fundeados os contra-torpedeiros «Douro», «Lima», «Tejo», «Dão» e «Vouga» e uma canhoneira. Cada um dos aparelhos foi amarrado junto de um navio de guerra.

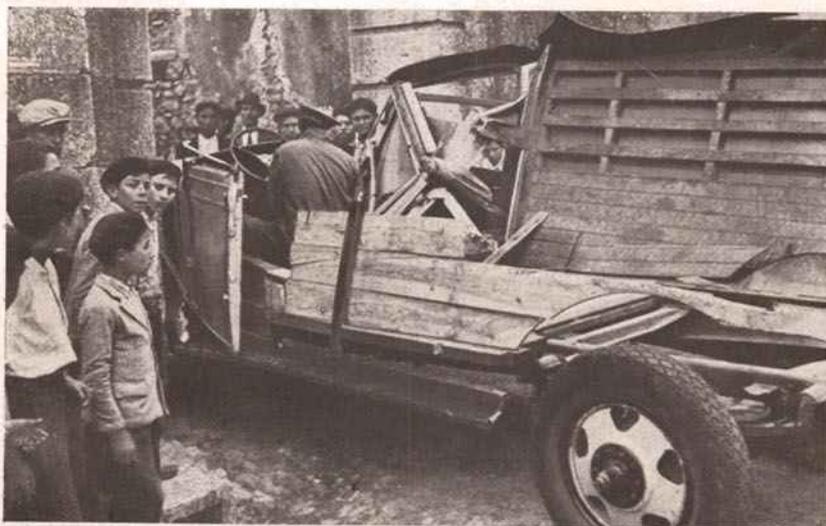
Um gazolina conduziu depois os ministros a bordo do navio-chefe, o contra-torpedeiro «Douro» onde foram recebidos pelo sr. capitão de mar e guerra Azevedo Franco. A tripulação efectuou vários exercícios. Os ministros regressaram a Lisboa pela via aérea.



A' ESQUERDA: O capitão de mar e guerra Azevedo Franco, comandante da flotilha ligeira, em conversa com o ministro da Marinha. A' DIREITA: O sr. comandante Ortins de Bettencourt tomando notas, vendo junto dele o engenheiro Higinio de Queiroz, chefe do gabinete do ministro do Comércio e o comandante Azevedo Franco. EM BAIXO: Uma conversa na ponte do comando do «Douro» entre os srs. ministro da Marinha, 1.º tenente Liberal da Câmara, chefe do Estado Maior da flotilha ligeira e o imediato do navio-chefe, capitão-tenente Galeão Roma



UM TERRIVEL CHOQUE DE CAMIÕES EM OEIRAS



No dia 24 do mês findo, produziu se em Oeiras um grave acidente de viação. Dois camiões que seguiam em direcções opostas embateram com grande violência devido ao excesso de velocidade.

Ambos os veículos sofreram grandes avarias, ficando um deles quasi inutilizado.

Um dos passageiros João de Araujo, faleceu depois de conduzido ao hospital de S. José.

Outro de nome João Marques ficou internado em estado gravissimo. O trágico a idente veio recordar uma vez mais a necessidade de tornar obrigatória para os veículos pesados a adaptação dos dispositivos que limitam a velocidade.

ESTUDANTES ALEMÃIS DE VISITA A LISBOA

PROCEDENTE de Hamburgo, donde veio no paquete "General Osório", passou por Lisboa, em viagem de férias, um grupo numeroso de estudantes alemães, a que a colónia do seu país e as entidades oficiais portuguesas dispensaram o melhor acolhimento.

No dia seguinte ao da sua chegada foi-lhes oferecida no

A' direita: Os estudantes alemães saudando o Chefe do Estado na festa do Colégio Militar. Em baixo: Dois aspectos das finais do torneio do "Hand-Ball" do Clube Alemão a que os visitantes assistiram. A' esquerda, o ministro da Alemanha saudando o dr. Salazar Carreira, da equipa do Sporting. A' direita, o mesmo diplomata assistindo na tribuna às fases do jogo



Liceu Normal uma festa que reuniu delegações de alunos dos liceus Maria Amália Vaz de Carvalho, Felipa de Lencastre, Gil Vicente, Camões e Passos Manuel e do Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas.

Em nome dos portugueses a aluna Maria Paulette saudou os seus camaradas alemães, após o que o sr. dr. Cordeiro Ramos proferiu uma alocução. Seguidamente, o sr. prof. T. Roth, do Grémio Luso-Alemão, saudou os estudantes portugueses e o nosso Governo.

O magnífico orfeão dos estudantes alemães exibiu-se em alguns números de carácter patriótico e regionalista, que deixaram na assistência a melhor impressão. O ministro da Educação Nacional, sr. dr. Carneiro Pacheco proferiu uma breve alocução em que salientou o significado da visita e os sólidos laços de amizade que prendem o nosso país à Alemanha. No final, todos os orfeões presentes executaram o hino nacional.

No dia 21, os estudantes alemães assistiram, no Campo Grande, à disputa do torneio de "Hand-ball", organizado pelo Clube Alemão, para o qual o sr. ministro da Alemanha, barão de Hoynigen-Huene, ofereceu valiosos prémios. Na tarde do mesmo dia, assistiram também à festa do Colégio Militar, a que noutra lugar fazemos referência, onde saudaram o sr. Presidente da República. A' noite, finalmente, tomaram parte noutra festa que se realizou no Clube Alemão com o título de "festa da mocidade.."

Os estudantes realizaram ainda uma excursão turística aos arredores da capital, visitando o triângulo de turismo Lisboa-Sintra-Cascais.

A passagem dos estudantes alemães por Lisboa deu assim oportunidade a uma demonstração calorosa das nossas virtudes de hospitalidade, que deixaram nos visitantes a mais agradável recordação. A inteligente iniciativa da trazer a



Portugal a mocidade estudiosa da Alemanha, contribuiu, portanto, para um estreitamento de relações entre os dois povos e, consequentemente, para uma mais profunda compreensão recíproca. Eis um facto que é, sem dúvida, digno dos maiores elogios.

Os estudantes visitaram ainda a exposição do Ano X da Revolução Nacional, no Parque Eduardo VII. Seguiram depois em excursão para a Serra da Arrábida onde acampam visitando Azeitão e Portinho. Depois de percorrerem algumas regiões do nosso país, devem embarcar para a Alemanha no dia 2 deste mês.

Aspectos da festa de homenagem aos estudantes alemães no Liceu Normal de Lisboa
Em cima: A mesa de honra. Em baixo: Um aspecto da assistência

Cristiano Lima



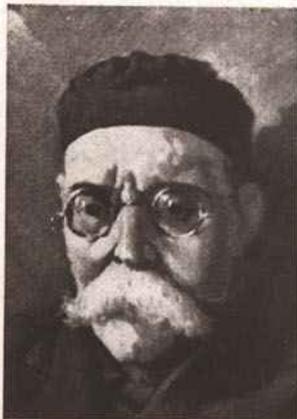
CRISTIANO LIMA publicou em volume a sua peça «O Inimigo» que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro apresentou há tempo no Nacional. É uma obra dramática de acção intensa, em que os personagens se desenham com vigor. O autor escreveu para ela um prefácio de deliciosa irreverência, que não é por certo a parte menos atraente do livro. Explica-nos nele a sua afeição ao teatro «em que o público diz na cara do autor o que pensa, mesmo quando não pensa».

Angelo Pereira



ANGELO PEREIRA é como um mineiro afanoso e robusto que, após longas horas por entre as misteriosas trevas do sub-solo, emerge radiante com as mãos cheias de preciosidades. No seu novo trabalho «Soares dos Reis—Repórter do Ocidente» apresenta-nos 21 cartas do artista excelso que lhe soube explicar e prefaciar com o brilho do seu talento de investigador que todos lhe conhecemos e sinceramente admiramos.

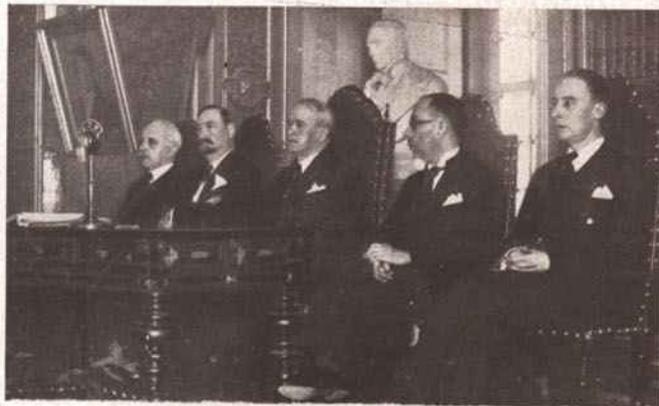
Homem Cristo



DZER que o implacável director de *O Povo de Avetro* acaba de publicar o 2.º volume das suas memórias «Notas da minha vida e do meu tempo» é afirmar que este novo livro obterá um êxito idêntico ao anterior. Nas suas evocações, Homem Cristo ressalta sempre tão sugestivo e vigoroso que até os atingidos, pela sua mocidade o leem com agrado e até com admiração.

FIGURAS E FACTOS

Comemoração do centenário de Ampère



No salão nobre da Academia das Ciências realizou-se no dia 18 do corrente uma sessão comemorativa do 1.º centenário da morte do grande físico francês Ampère. Presidiu o sr. general Aquiles Machado que tinha à sua direita os srs. ministro da França e dr. Júlio Dantas, e à esquerda os srs. ministros da Educação Nacional e dr. Pereira Forjaz.

Virginia Mota Cardoso



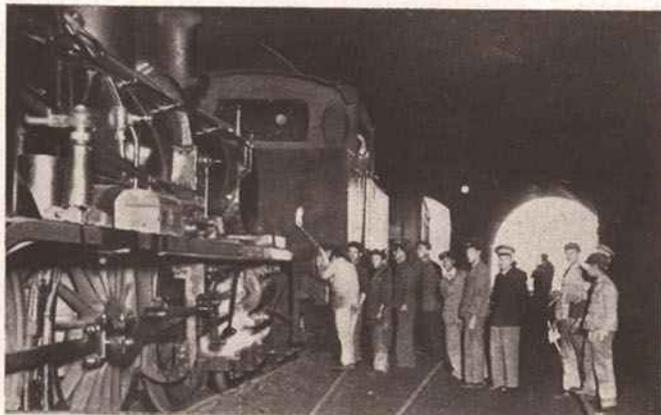
A inspirada poetisa D. Virginia Mota Cardoso publicou um novo livro que intitulou «Quando fala o coração». Em cada uma dos sonetos que o compõe há muita alma, muita inspiração e muito talento que cativaram todas as almas que os saibam compreender. Eis, pois, um livro que deve ser lido com o coração aberto, pois foi assim que a autora o escreveu.

Dr.ª Amélia Cardia



«**ALFORRIA**» é o título dum novo romance psicológico da dr.ª Amélia Cardia, conceituada autora do «Visionário» e da «Pecadora», obras idênticas a esta que, após vinte anos, se digna publicar definitivamente. «Alforria» é o título do novo livro, e não o da carta de quem o escreveu, por que essa... está passada há muitos anos com todos os privilégios e louvores. A dr.ª D. Amélia Cardia, dando largas ao seu talento, dá o mais belo exemplo à mocidade de hoje.

Um choque no tunel do Rossio



No dia 23 do mês findo, um comboio procedente de Sacavem chocou dentro do tunel do Rossio com uma formação de material vazio que se dirigia para Campolide. O desastre não teve maiores proporções por ter sido previsto pelos dois maquinistas que fizeram tudo para atenuar o embate. O pânico entre os passageiros foi enorme, registando-se 36 feridos todos sem gravidade.

A nossa gravura mostra um aspecto dos trabalhos de carrilamento duma das locomotivas. A interrupção do trânsito não chegou a durar hora e meia. Os feridos foram pensados no posto de socorros da Estação do Rossio pelos clínicos da C. P. drs. Carlos Lopes, Castro Caldas, Matos Cid, Parreira Cabral e Fernando Wadington.

César Pôrto



O prof. César Pôrto acaba de lançar no mercado uma obra em francês «L'Instinct», em que estuda um dos mais complexos problemas da psicologia. Neste trabalho de perto de 300 páginas, César Pôrto analisa o estado actual dos nossos conhecimentos sobre o instinto nos seus múltiplos aspectos. É um trabalho científico que revela uma larga erudição e que, escrito numa linguagem elegante, nada tem da aridez dum tratado científico. As manifestações das forças psíquicas inconscientes servem de pretexto ao autor para uma série de conceitos em que os aspectos da vida são apreciados sob o duplo ponto de vista literário e científico.

Ivone Santos



O último concerto da grande pianista Ivone Santos obteve, como seria de esperar o mais retumbante triunfo. Sendo ainda uma criança, e tendo conquistado o lugar de professora do Conservatório, o seu nome corre no mundo artístico, apregoado por todas as trombetas de fama. Raras vezes aparece quem assim interprete Beethoven.

Dr. Mário de Artagão



«**FERAS À SOLTA**» é o título dum episódio dramático que o dr. Mário de Artagão acaba de publicar e que nos empolga, não só pela profunda filosofia que o nimba, como pela harmonia dos alexandrinismos em que é composto. Ler este livro é recordar os bons tempos da verdadeira poesia que não sabemos ainda quando voltará. E enquanto não volta, vamos tendo a satisfação de ler versos como estes que o dr. Mário de Artagão nos apresenta e que constituem uma espécie de baluarte da nossa esperança.

Nas linhas que se seguem, apresentamos aos nossos leitores o primeiro relatório sobre a sensacional descoberta, feita recentemente em Nova York, dum curioso manuscrito de Beethoven. Pela leitura do artigo, poderá avaliar-se do interesse desse documento, que vem lançar luz sobre uma fase da vida sentimental do grande compositor.

UM MANUSCRITO DE BEETHOVEN

reaparece ao cabo
de 125 anos
e esclarece um aspecto
da vida íntima
do genial músico

Como se sabe, Ludwig Beethoven musicou seis poesias de Goethe, mas até agora só se conheciam cinco manuscritos. Apesar de todos os esforços ardentes dos sábios, o manuscrito do «Canto de Mignon» não aparecia. A única referência ao original dessa composição encontrava-se numa carta dirigida a Bettina do Arnim, com um autógrafo que esta pretendia ser do mestre. Esta famosa carta sempre duvidosa e finalmente desmentida pela presente publicação, provocou bastantes discussões entre os sábios e acaba por se reconhecer que era falsa.

Bettina do Arnim pretendia, portanto, que a música dessa romanza lhe fôra dedicada, tendo sido composta pouco tempo antes da sua visita a Beethoven. Eis o texto da carta citada por ela: «Envio junto, escrito pelo meu próprio punho «Conheces o país...», como recordação da hora em que a conheci».

Contudo, o original deste canto que deveria ir junto com a carta em questão não se encontrava em seu poder. A carta foi reconhecida pelos sábios como uma falsificação grosseira devida à vaidade de madame do Arnim. Esta, irmã do poeta Clément Brentano, gozava desde a infância de certa celebridade pela sua correspondência com Goethe, mas devido às suas indiscrições, Goethe opôs-se mais tarde às suas visitas. Debalde se pesquisou o original dessa composição de que se conhecia a primeira edição mas não o manuscrito, que só agora aparece e pela primeira vez escrito em parte pelo próprio punho de Beethoven.

A dedicatoria desta cópia, feita segundo o original desaparecido, corrigida e completada por Beethoven, indica claramente que o «Canto do Mignon», não foi dedicado a Bettina do Arnim. A avaliar pelo *post-scriptum* acrescentado à primeira página do manuscrito e de conformidade com o espírito de Beethoven, pode antes supôr-se que essas linhas fôram dedicadas a quem o escreveu:

«N. B. — O autor permitiu-se pôr em relêvo os embelezamentos deste canto pela menina Tereza — Beethoven».

Este *post-scriptum* caracteriza ao mesmo tempo as boas e amáveis relações de Beethoven com a menina Tereza, cuja identidade foi verificada pelos sábios como sendo a de Tereza Malfatti, sobrinha do médico de Beethoven, que contava então 17 anos.

Depois de ter sido considerado perdido ou desaparecido durante cento e vinte cinco anos, o manuscrito faz agora uma surpreendente aparição, quando se perdêra já toda a esperança de encontrar o original de Beethoven. Estas quatro folhas de papel de música pertencem de resto ao número dos manuscritos mais interessantes de Beethoven. O texto da música está meio escrito ou corrigido pelo próprio compo-

sitor, as palavras assim como as outras notas são escritas por uma mão feminina e inhábil. Não se trata portanto do trabalho dum copista qualquer, mas do resultado dum trabalho comum e íntimo de Beethoven com uma mulher ou uma rapariga, com a qual êle escreveu um

visto o cumprimento de Beethoven ser dirigido à «menina Tereza» e não à condessa, foi preciso pensar noutra que desempenhou nessa época certo papel na vida privada de Beethoven — Tereza Malfatti.

Durante o mesmo ano em que o manuscrito do «Canto do Mignon» foi realizado, Beethoven dedicou várias composições à jovem Tereza Malfatti, tendo formado o projecto de a desposar. A «Bagatelle» para piano em Dó-menor, foi provavelmente dedicado a ela, embora os sábios diverjam sobre o nome escrito no original (Tereza ou Eliza). Mas é facto assente que o mestre lhe dedicou o canto de Clara «Cheio de alegria, cheio de desgosto», cujo original, assim como a carta dirigida a ela se encontram na colecção «Koch-Floersheim». Essa carta começa pelas seguintes palavras: «Recibeis junto, adorável Tereza, a cousa prometida...» e lança luz sobre as relações do mestre com a jovem, pela maneira de se dirigir a ela. Por tudo isto, não devemos andar longe da verdade atribuindo a Tereza Malfatti a autoria da cópia.

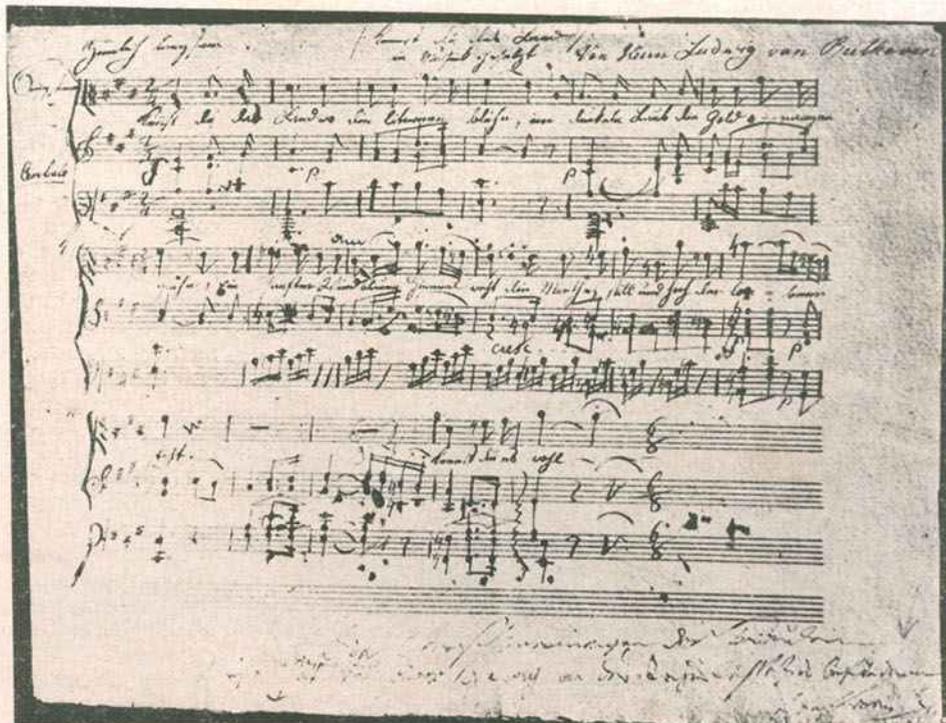
Infelizmente só em parte se pôde acompanhar a odisséia deste manuscrito singular. Um medalhão de ouro com uma madeixa de cabelos de Beethoven estava junto quando o manuscrito apareceu há tempo num leilão em Nova-York. Este medalhão era acompanhado por um atestado «Cabelos de Beethoven recebidos em presente do sr. Holz, de Viena, um amigo do grande mestre — J. R. Schachner». Além deste, havia outro atestado fazendo referência à proprietária que precedeu o pianista Joseph Rudolph Schachner, que era de resto herdeiro de Tereza Malfatti, mais tarde baronessa de Drosdick. Assinado por Hyacinthe, condessa de Topor Morawitzky, determina que em caso do falecimento da proprietária devem ser entregues ao professor J. R. Schachner: «um manuscrito com letra e aperfeiçoamentos da mão de Beethoven, além dos cabelos do mestre». O acima mencionado Charles Holz foi durante os últimos anos da vida do grande músico seu amigo íntimo e conselheiro. A partir de 1806, quando Schachner morreu com 90 anos de idade, nada se sabe do caminho que o manuscrito tomou. Finalmente foi há pouco leiloado em Nova-York e adquirido por um conhecido colecionador de autógrafos que encerrou o precioso documento num cofre em Londres. Só depois desta venda pública se reconheceu completamente o seu valor.

Considerando o nome de Tereza pensou-se primeiro na condessa Tereza de Brunswick a quem Beethoven dedicara em 1810 a sua ópera 12, a sonata em Fá-maior. Mas a condessa tinha então 34 anos, ao passo que a letra do manuscrito é duma simplicidade infantil. Além disso,

Em todo o caso, estas sete páginas de música de dez linhas cada uma, vêm preencher um vácuo nas relíquias de Beethoven porque nos informaram pela primeira vez sobre o original do canto imortal «Conheces o país de Wilhelm Meisters», e representam ao mesmo tempo um caso único entre os manuscritos de Beethoven, que nunca eram feitos em colaboração com outras pessoas.

Além disso, como vimos, o manuscrito esclarece-nos sobre uma das fases mais curiosas da vida íntima e sentimental do grande amoroso que foi Beethoven. A sua paixão por Tereza Malfatti surge-nos numa das suas mais ingénuas manifestações, e constitui, sem dúvida, para os seus críticos e biógrafos uma surpreendente revelação. Daí o natural interesse que o documento agora descoberto suscitou em todo o mundo.

Uma página do manuscrito de Beethoven a que alude o presente artigo





O baloio - gravura do século XVIII

sem natural e até moralíssimo um tal procedimento...

É possível que ainda haja quem manifeste um tal ou qual assombro ante a maneira como os tempos mudaram. Mas para quê se tudo isso é tão natural como o vicejar dos campos na primavera e o cair das folhas no outono? Se na posição em que nos encontramos, temos a veleidade de supor que estamos adentro da muralha sagrada e intangível da perfeição, é porque não queremos fazer uma leve ideia do que os nossos bisnetos pensarão de nós, ao evocar os nossos ridículos. Sempre assim foi e ha de ser enquanto o Sol se dignar dar vida e calor a este pobre planeta.

curioso é que ninguém aceita como natural esta transformação constante, apesar dos flagrantes exemplos de todos os dias.

Quando Cícero na sua famosa verina *O tempora! o mores!* verberava a perversão dos seus semelhantes, lamentava, pelo visto, a profunda modificação que o rolar dos tempos ia fazendo nos costumes, como se isso não fôsse imposto pelas leis inflexíveis da evolução.

Quantas surpresas havia de ter o grande orador romano se pudesse voltar ao mundo, e verificasse que nem o dóbro da sua tradicional eloquência conseguiria inutilizar os sinistros planos dos novos Catilinas, nem fazer com que os modernos Verres restituíssem os vasos coríntios que os diversos Marcos Antónios reclamavam como seus!

Grande tristeza deveria ser a do pobre Cícero, ao convencer-se de que os seus formidáveis discursos, embora continuem a ser o mais precioso filão para quem deseja sondar os tenebrosos segredos do Direito, da Economia Política e da Arte dos tempos antigos, nada adiantaram na educação dos povos.

ONTE HOJE

O PUDOR AS MODAS

O que dirão de nós nossos bisnetos?

nos surge, a cada momento, ao alcance da nossa mão indecisa e do nosso desejo tão ansioso como o volúvel.

Os nossos avós — Deus os tenha em descanso! — exultavam-se ante a passagem duma dama que, em dia de chuva, era forçada a levantar o vestido à altura de mostrar um vislumbre de tornozêlo. Contentavam-se com pouco, e eram felizes...

Hoje em dia, o à-vontade feminino colocou os homens na situação de marçanos de confeitaria que, tendo ao seu alcance todos os bolos deliciosos, vedados durante tantos anos pelo seu alto preço, e pelos grossos vidros das montas, acabam por enjoar, durante o resto da vida, tudo o que lhes cheire a cremes açucarados e outros ingredientes de pastelero.

Eis, pois, o que a moda nos trouxe! Há cerca de vinte e cinco anos, quando apareceu a celebrada *sala-calção*, houve para aí mosquitos por cordas. A maior parte da população lisboeta escandalizou-se quasi tanto como quando da já citada amostra do pézinho da rainha Maria Francisca!

No fim de contas, a *saia-calção*, vista hoje com tóda a imparcialidade, seria considerada uma decentíssima peça de vestuário, com muita originalidade e bom gosto.

Como os tempos mudaram, e como háo-de de continuar a mudar!

Quando há setenta anos Bulhão Pato teve a audácia de incluir numa das mais ligeiras e graciosas páginas da sua pesadíssima "Paqueta", aqueles versos que traduziam o pudor da consulesa T..., houve certamente quem lhe atribuisse uma certa

dóse de malícia que uma menina virtuosa deveria ignorar.

Quem diria ao mavioso poeta da Caparica que as raparigas de hoje ainda haviam de rir da ingenuidade infantil desses deliciosos versos?

Quando saio à tarde, e a fresca [aragem

Me dá na roupa,
Sou como a barquinha que vai à [vela,
Que vai seguindo viagem
De vento em pópa.

Depois se o vento,
Ao voltar súbito a esquerda,
Vem mais violento,
Quem passa e vê,
Baiinho me diz: — «Menina,
Que lindo pé!»

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguém;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;

Mas sempre algum
Me diz que vê
Distintamente o pézinho...
Quando não é,
Às vezes um bocadinho...
Além do pé!...

de elegância na época do Directorio



desequilíbrio, o sapatinho salta-lhe do pé, e patenteia-se ao apaixonado mancebo oculto na moita de verdura, a visão duma perna bem torneada — e nisso está resumida tóda a malícia dum século galante!

Felizes tempos esses, não lhes parece? E se eles voltassem?

É possível que ainda haja quem acalente esta esperança?

E para quê?

Em resumo: o mundo háde continuar a girar como até agora, e, um dia, por este andar, os nossos bisnetos classificam as nossas perversões, de verdadeiras ingenuidades.

Em pleno século...



A moda de hoje

Os maiores sábios, os mais ilustres pensadores, os mais gloriosos legisladores, os mais profundos filósofos de todos os tempos não conseguiram obter a intangibilidade das suas teorias. As leis de Sólon, aplicadas hoje com tóda a sua rigidez primitiva, resultariam, senão impraticáveis, pelo menos, improficuas.

Os cérebros modernos, nas suas congemmações, fazem avolumar mais a ingenuidade de Platão, do que todos os remoques de Diógenes em tóda a sua cínica franqueza.

Qualquer mediano historiador do nosso tempo sentiria vergonha em narrar como um facto irrefutável a proeza de Josué que fez parar o Sol, e que um alto espírito relatou no livro dos Juizes, que faz parte da Bíblia Sagrada.

Tudo se modifica, tudo... Mas o mais

Mudaram-se os tempos, mudaram-se os costumes!

Grande foi a coragem de Diógenes que nem um furtivo olhar dispensou à famosa cortezá que o foi tentar, em tóda a sua nudez radiosa, na intenção de ganhar uma aposta. Tanta isenção não tiveram os juizes que absolveram a surpreendente Frineia, e só por que esta teve a ideia bizarra de exhibir a sua nudez em pleno tribunal.

Hoje, o advogado Hyperides teria de aconselhar outro recurso à sua formosa constituinte, em face da vulgaridade assoalhada pelas mil e uma Frineias que na praia do Estoril, por exemplo, se exibem com uma desenvoltura de Evas antes do pecado original, mas muito mais pecadoras.

Só pode ser devidamente apreciado o que se nos torna difícil alcançar, e o que



QUEM comparar as modas dos tempos de hoje com as usadas pelas nossas avós, ha de sentir, se meditar um pouco nas frias realidades, uma profunda mágua por não ter vindo ao mundo com uma antecedência de cem ou duzentos anos.

Nesses ditosos tempos da saia de balão vivia-se melhor e mais pacatamente sem os deslumbraamentos enervantes do *sex-appeal*. Se as damas de então não tinham mais vergonha e mais pudor que as de hoje, aparentavam, pelo menos com mais naturalidade, estes cativantes dotes femininos.

Vem a propósito citar a maneira severa como Lisboa julgou a rainha D. Maria Francisca de Saboia, quando ainda esposa do desventurado Afonso VI, e só porque não quis tropeçar nas fitas do seu sapato desatado...

Tomou o facto tal incredência, que o próprio "Voyageur de l'Europe" o registou no seu tomo II, pag. 223, nestes termos:

"A saída da missa do Convento da Esperança, sucedendo desatar-se-lhe o laço do sapato, a rainha ordenou a uma dama que o atasse, para o que arrepanhou algum tanto os vestidos. As mulheres portuguesas, tomando isto como grande escândalo, exclamaram envergonhadas: — Jesus! a rainha deixou ver o pé!..."

Escusado será dizer que quando essa rainha trocou o marido pelo cunhado, seguindo-se a organização do mais abominável processo que a Historia Portuguesa arquia nas suas páginas, as mesmas damas, escandalizadas pouco antes com a amostra do pé, não lugiram nem mugiram, talvez porque, no seu intimo, achas-



UMA FESTA NO PALÁCIO DAS NECESSIDADES

oferecida pelo sr. ministro dos Negócios Estrangeiros em honra do Corpo Diplomático

encontravam-se especialmente decoradas para este fim. O Museu Nacional de Arte Antiga cedeu para essa noite alguns dos seus mais valiosos quadros e tapeçarias. Flores em profusão davam ao ambiente um tom de elegância e encanto admiráveis. O aspecto dos jardins, profusamente iluminados, era surpreendente. Três orquestras animaram o baile que se prolongou até às primeiras horas do dia. Pela uma hora foi servida uma ceia.

Raras vezes uma recepção ao Corpo Diplomático atinge um carácter de tão requintada elegância deixa à assistência tão deliciosas recordações.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Armindo Monteiro, e sua esposa, a sr.^a D. Lúcia Infante de La Cerda Sttau Monteiro, ofereceram na noite de 11 do corrente, no Palácio das Necessidades, uma recepção e baile em honra do Corpo Diplomático acreditado junto do Governo Português.

Foi uma das festas de maior elegância e beleza que se têm realizado nos últimos tempos no nosso país. Tudo o que Lisboa tem de mais representativo na aristocracia, nas letras, nas artes, na diplomacia, na alta finança, no funcionalismo civil e militar, se reuniu nas salas sumptuosas do Palácio das Necessidades.

Os convidados eram recebidos ao topo da escadaria nobre do Palácio pelos srs. drs. Mendes Leal, João de Mendonça e Pinto Ferreira, respectivamente director e adjuntos do Protocolo, e pelos secretários do sr. dr. Armindo Monteiro.

O Presidente do Conselho e todos os membros do Governo assistiram à festa. As salas

Em cima: O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros e sua esposa com alguns dos convidados. Ao lado: Um aspecto da sala de baile



UM DESASTRE DE AVIAÇÃO AO LARGO DA BAÍA DO FUNCHAL

Um hidro-avião «Junkers» do Centro da Aviação Naval de Lisboa, tripulado pelos srs. primeiro tenente Gomes Namorado e segundo tenente Sanches, despenhou-se no mar ao largo da baía do Funchal. Os aviadores saíram ilesos do grave acidente, mas o aparelho afundou-se. As gravuras que damos abaixo mostram aspectos dos trabalhos do salvamento do hidro-avião. A' esquerda, o aparelho suspenso da câbria que o retirou do fundo do mar. A' direita, já em terra, enquanto se examina a importância dos prejuizos sofridos. A localização do aparelho afundado e os trabalhos de salvamento foram conduzidos de forma digna de todo o elogio, e mercê dum enorme esforço. Tornou-se assim possível reduzir ao mínimo os prejuizos do desastre, pois os aparelhos de bordo puderam ser recuperados sem avaria.



NOS BASTIDORES DA LITERATURA

COMO ESCREVEIA CAMILO

TERIA eu desasseis anos, e começava em Coimbra os meus estudos do Liceu, quando conheci Tomás da

Fonseca, que tinha mais quatro ou cinco, e era seminarista. Todas as tardes ia visitá-lo; passávamos horas

e horas, conversando, lendo, discutindo...

O meu amigo versava muito os antigos; era inconcebível o que conhecia, não só de Homero e de Platão, de Sófocles e de Heródoto, de Vergílio e de Horácio, mas de Séneca e Marco Aurélio, de Plínio e de Lucrecio... Descobria Juliano e Celso, e possuía todo o Cícero e Demóstenes!

E permutávamos livros e ideias tão vastamente, que à nossa roda se estava formando — o escândalo. Porque não eram só latinos e gregos, de si já suspeitos; eram livros modernos, bem mais perigosos, que circulavam de mão em mão, e não apenas Voltaire, D'Alembert, Diderot, d'Holbach, Helvetius, os terríveis enciclopedistas, mas até os contemporâneos, apostados destrutores da Sociedade, desde Tolstoi, evangelizador pela palavra, ao anarquista Kropotkine, cujo retrato, desenhado por Cardoso Marta, éle, audaciosamente, arvorava no tópo da sua cela, sobre o leito, como se fôsse um santo de devoção, com as suas venerandas barbaças apostólicas.

A Rousseau, sabia-o de cór, e recitava-o pelos corredores e no recreio aos companheiros, que o ouviam encantados, de mistura com poemas da sua lavra, versos candentes, inspirados de Hugo e de Junqueiro, de Richepin e de Gomes Leal, que levantavam labaredas nas almas. Tomás da Fonseca chegára a ponto de levar para a missa a *Nova Heloisa*, em encadernação própria a ser tomada como livro de orações piedosas...

Foi então que um prefeito, a quem chamavam o *Rex Niger*, abrindo os olhos, invadiu o tugúrio do futuro heresiarca, inventariou o recheio, e levou uma biblioteca inteira — não sei quantas centenas de obras, que eram proibidas muitas,

O rascunho dos ataques aos críticos do "Cancioneiro Alegre", Mariano Pina e Artur Barreiros

e outras mereciam sê-lo, pelo *Index*. Foi tudo queimado, conforme o salutar preceito da Igreja!

Eu morava aos Arcos do Jardim, e não tardou que tivesse notícia da catástrofe, por secreta missiva que o meu fraternal consócio me mandou pelo *Pedro do Pifaro*, um velho aedo, que deambulava noite e dia, alto e esgrouviado, cantando, tocando e coxeando pelos pátios, cêrca e imediações do Seminário.

Pedro, arfante da carreira atrapalhada em que viera, sobraçava um pacote.

— Pedro, que trazes aí?

— Es una cosa, es una cosa...

O antigo emigrado espanhol, que resvalára pela desgraça à miséria extrema, foi desembulhando o pacote, com frouxos de riso brando...

— *Esta es la cosa!*

Eram dois livros brochados, de capa azul...

O Pedro sentou-se, de golpe, no sobrado, como quem cai exausto, ao fim duma épica maratona.

Não moribundo, pois logo, trauteando uma *seguidilla*, começou, para a viciosa cigarrada, a cortar, sobre a concha

culos — desde a expulsão do Paraíso — a Tirania atacando a Liberdade, e esta, só de momento subjugada, protestando sempre, mesmo então, por algum rasgo inesperado, que demonstra que vencer não é vencer!

O Senhor Poeta, quando o Rei Negro bateu à porta, adivinhára logo, pelo bater desabalado, a sua ira e o seu fero designio, e lançára célere mão destes volumes (que comprara na véspera) antes de a porta se abrir ao inquisidor, e mettera-os entre o peito e a batina, um de cada lado.

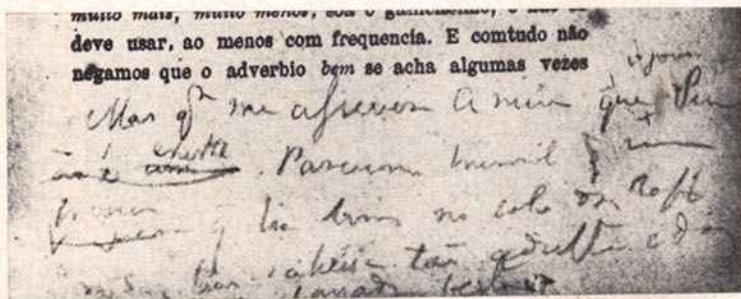
Aquela preciosidade foi-me doada pelo Tomás da Fonseca, não só para me indemnizar de alguns volumes que lhe emprestara e sofreram a pena do fogo, mas também porque éle não conhecia maior admirador de Camilo.

Se eu o era, admirador de Camilo!

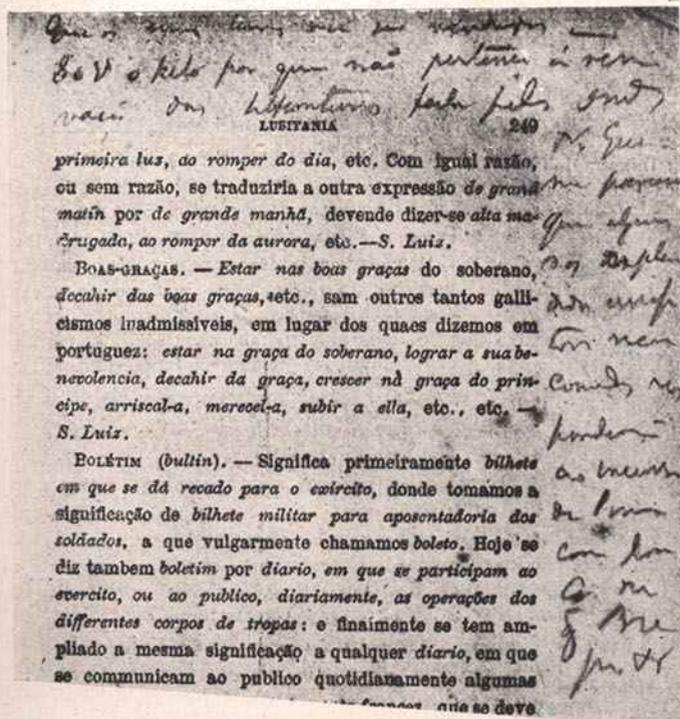
Já levava em meio um cartapácio sobre a sua vida e obra, um estudo critico que, concluído no verão seguinte, não teria, impresso, menos de 300 a 400 páginas. Estremeço, só de pensar que podia ter encontrado um editor... Ainda assim, a amostra ficou. Foi de lá que arranquei, tempos depois, 30 ou 40 páginas, que trouxe a público, numa coleção — *Intelectuais* —, o livreiro Gomes de Carvalho.

Quantas recordações, ligadas a este alvorecer literário — alvorecer que não teve dia!...

Infelizmente a preciosidade perdeu-se. Em-prestaria eu os volumes? Dá-los-ia a algum



A' esquerda: A classificação de Mariano Pina. Em cima: A resposta ao remove do Pina



da mão, fina e rugosa, um bom charuto de picar. O meu espanto foi grande: tinha ali, sobre a minha mesa, a *História dos Girondinos*, de Lamartine, cheia de anotações de Camilo.

— Pero, de onde viene la maravilla, caramba! — *preguntei, apurando todo o meu castelhano, em preito ao prestimoso cavalheiro de além Caia.*

— *Viene de el señor Poeta!*

E no seu castelhano, já quasi tão corrupto como o meu, ao cabo de tantos anos de exílio, contou... E foi a história de tantos sé-

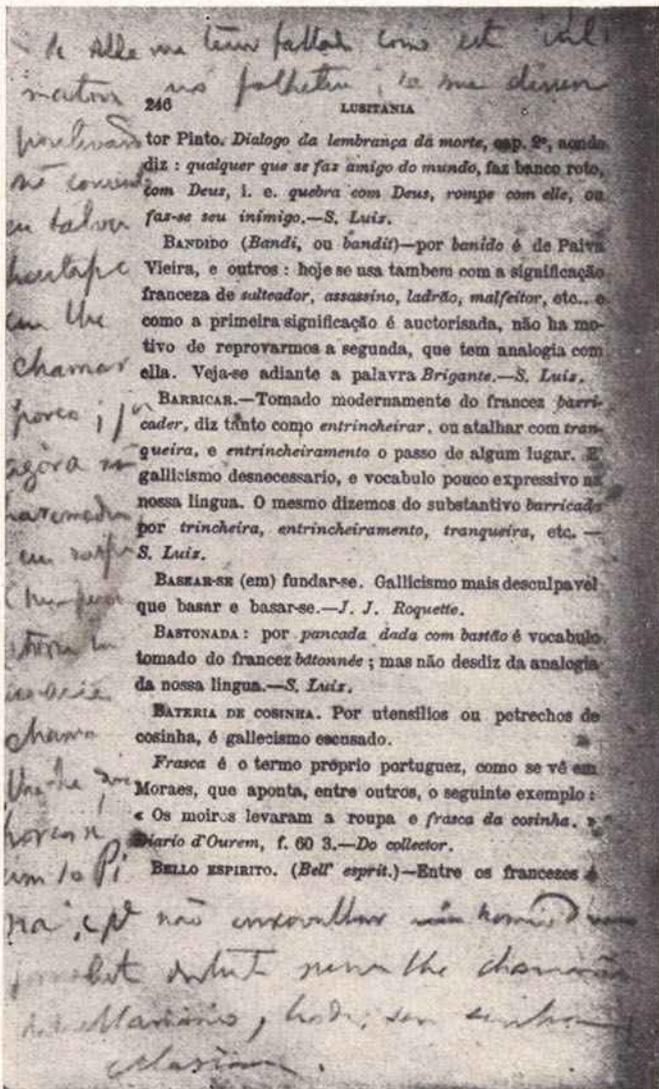
critico, admirador de Camilo, que supus mais afortunado, desde que reconheci que não me fadára Deus para altos cometimentos literários? Não sei; varreu-se-me inteiramente da memória.

E' bem pena! As anotações da *História dos Girondinos* seriam importante subsidio para a compreensão da personalidade do grande escritor. Projectadas sobre a Revolução Francesa, que abre o Mundo Novo, quanta luz trariam à psicologia desse homem singular, de tão variáveis opiniões, de tão apaixonados sentimentos! Talvez um capítulo — *Camilo politico* — ganhasse relêvo, quando enfim chegar a hora de o seu génio ter um crítico à sua altura.

As notas de Camilo à *História dos Girondinos* contavam-se por centenas; rara a página que ficasse com as margens em branco. Algumas eram extensas; dariam um oitavo de duzentas páginas. Todas a tinta, com magnífica caligrafia, e não tinham uma emenda.

Sempre eu ouvira dizer que Camilo tudo o que escrevia era assim — *currente calamo*...

Em 1911 encontrei na Biblioteca do Liceu de Passos Manuel, um livro: — *Gallicismos, palavras e frases da língua francesa, introduzidas por des-*



Mariano, não, sr.^a Mariana!

cuido, ignorância ou necessidade na língua portuguesa — Estudos e reflexões de vários autores, coletados e anotados por J. Noberto de Soisa Silva. Publicado em 1877, no Rio de Janeiro, pelo livreiro-editor B. L. Garnier.

Na portada inscrevia-se, a lápis, um nome — C. Castelo Branco.

Aí encontrei apontamentos que me demonstraram que Camilo nem sempre escreveu — *correntemente calamo!*

Fala-se do célebre manuscrito do *Amor de Perdão*, em que não há emendas. Saíria assim, *de-jacto*? Não creio.

Mas seria impossível supor que tantos milhares de páginas que saíram da sua pena as compôs com trabalhoso apuro, com a procura meticulosa do termo próprio, com a tortura da linguagem a que submeteu aquelas que traçou sobre estes apontamentos, que evidenciam já um primeiro labor intenso.

A maior parte deles — e não desaproveitou nenhum — referem-se a Mariano Pina e Artur Barreiros.

E' bem conhecida a *questão do Cancioneiro Alegre*.

Saíra esta obra de Camilo, um volume de 560 páginas, em 1879, constituída por transcrições de dezenas de poesias de autores vivos e mortos, que umas eram, e outras foram, capituladas de alegres, acompanhadas de comentário

adequado, algumas vezes, porém de fundo agressivo, além de jocoso. Não faltam também — ou o livro não fôsse de Camilo — páginas de sombria tristeza nesse carnaval de risos e doestos... Não podiam receber o *Cancioneiro* de contente rosto os visados pela ironia amarga do solitário de Seide, mas nenhum se deu, na imprensa, por afrontado. Vieram à estacada, como paladinos dos poetas mal feridos naquele certamente original, Sérgio de Castro, Carlos Lobo d'Avila, Mariano Pina, em Portugal; e Gaspar da Silva, Artur Barreiros e Tomás Filho, no Brasil — tudo gente obscura, todos sem braço literário que obrigasse o gigante a entrar em liça. Mas Camilo era um duelista de raça, e tal consideração não o prendeu; o sangue fervia-lhe demais nas veias para se aquietar em prudente desdem: tomou-lhes, pois, contas do arremesso temerário. E que severas contas!

Toda a vida de Camilo é cortada de prélios retumbantes, e desde a mocidade, a começar pelos folhetins do *Nacional* e do *Jornal do Porto*, que são já um tumulto de sarcasmos, pelos ataques panfletários a Costa Cabral e pela questão das Comendas. As polémicas com Silva Pinto (1874), com os críticos do *Cancioneiro* (1879), com Alexandre da Conceição (1881), com Avelino Calixto e José Maria Rodrigues (1883) são das mais marcantes.

E não era só na imprensa: Teixeira de Queiroz refere que duma polémica literária que travaram em cartas particulares resultou um amúo entre eles, que durou certo tempo...

A culpa destas refregas seria sempre de Camilo? E' certo que se excedia, e até nem mesmo guardava o decôro, como na célebre trepa à Senhora Rattazzi (1880), que é, aliás, um modelo de verrinosa graça. Mas que hervadas frechas não despediam contra elle!

Silva Pinto, que veio a tornar-se o seu mais, devotado admirador e amigo, elucida: «Houve um período em que se tornou moda provocá-lo». Em conversa dissera-lhe o Mestre, justificando a impetuosidade das suas implacáveis retaliações: — «E' claro que os meus quarenta anos de serviço, ou quantos são, concedem-me o direito de silêncio, quando um rapaz faz negaças, com muito frenesi, à minha inocente pachorra. Mas que quer o meu amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Herculano saírem desta vida com muitas nódoas negras no corpo. Não surgiu lutador novo que não fôsse ali ensaiar-se, aplicando dois

pontapés àqueles dois velhos. O Herculano creio que, à força de orgulho, chegasse a persuadir-se de que os não levara; mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto que logo, pelo telégrafo e pelo correio, me avisava do sacrilégio — para que eu o desagravasse. Acudi pelo nome daquelle sublime ingénuo, duas vezes que me lembre: na questão coimbrã e na do Fausto. Mas pela minha parte resolvi não me deixar contun-dir sem usar de represálias. Os rapazes dão-me; mas eu reajo...»

Mas vejamos agora como o Júpiter Tonante da Polémica Portuguesa, grande Artifice, forjava as suas armas de combate e despedia os seus raios de exterminio...

Na página 246 do *Galicismos* escreveu Camilo:

«Se elle me tem fallado com esta intimativa no folhetim, se me dissesse positivamente não consinto, eu talvez hesitasse em lhe chamar porco; já agora não há remédio, e em resposta á sua peremptória intimação chamar-lhe-hei dois porcos n'um só Pina, e para não enxovalhar o nome d'um jornalista distincto nunca lhe chamarei sr. Mariano, hade ser senhora Mariana.»

No fim do período, substituiu «um», que antes escrevera, por «o», referindo-se a Mariano de Carvalho. Poderá parecer que Camilo ia a escrever «para não enxovalhar um jornalista distincto» etc., mas do original vê-se que não: o que escrevera primeiro fôra — «para não enxovalhar um nome d'um jornalista distincto» etc. Depois de escrito talvez todo o período, é que notou a repetição próxima do artigo «um»; por isso cortou, e por cima escreveu «o». Não há mais nenhuma emenda.

Mas no que veio a publicar-se há alterações e acrescentos: Lê-se em *Os Críticos do Cancioneiro* (página 27 da 1.^a edição):

«Se elle me tem fallado com esta intimativa no primeiro folhetim, se me dissesse positivamente que *não tolerava nem admittia* que eu lhe chamasse porco, pode ser que eu então hesitasse; mas já agora o desafôro não se remedeia; e em resposta á sua peremptoria admoestação chamar-lhe-hei dous porcos n'um só Pina; e para não enxovalhar o nome d'um jornalista e orador notavel, nunca lhe chamarei sr. Mariano: ha de ser *snr.^a Mariana.*»

Algumas das alterações são interessantes. Substituindo «jornalista distincto» por «jornalista e orador notavel» quis decerto, aproveitando a referência, prestar homenagem a Mariano de Carvalho pelos múltiplos aspectos do seu omnímmodo talento.

Na página 247 escreveu:

«Mas quem me assevera a mim que Pina não é um...». Depois entrelinhou sobre «Pina» «o jóvem» e cortou «não é um», resultando: «Mas



Dr. Lopes de Oliveira

quem me assevera a mim que o jóvem Pina existe.» Não pôs a interrogação.

Na página 29 de *Os Críticos do Cancioneiro* imprimiu-se:

«Mas, a final quem me assevera a mim que existe este papa-fina de Pina que refina e se empina e aepina?»

Em seguida escreveu, no rascunho da página 247:

«Parece-me incrível que um pequeno que lia livros no collo das referidas tias sahisse tão adulta e descompassada besta.»

Cortou «pequeno» e substituiu por «gerico». Veio a publicar-se (página 29-Idem):

«E' incrível que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supra mencionadas sahisse tão adulta e descompassada besta!»

Mas entre o primeiro e o segundo período lê-se:

«Se não é um burro transcendente que faz metamorphose na crysalida de garoto, então é um Pina que

cultiva miseravelmente o primeiro anno de instrução primária e escreve: «E' portudo isto que eu tenho muito dó de si.» De si, ó alarve!»

Não se conteve ..

A página 248 escreveu Camilo:

«Diz que os meus romances são do tempo em que se curavam as constipações, etc. Para as constipações do sr. Pina a veterinária não tem adiantado nada é o sedenho fumigações de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava. Se com isto não debelar as pulmoeiras.»

Entrelinhou «velho», apôsto a «sedenho». O «não» final encontra-se antecedido e seguido de «se», que está cortado. Vê-se bem que hesitou em dar à oração o sujeito *snr.ª Mariana* ou *pulmoeiras*...

A final veio a publicar-se:

«Diz que os meus romances são do tempo em que as constipações se curavam com cozimentos de passas e chá de flores de borragem e herva cidreira.

«Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica. Para as constipações do snr. Mariano Pina, a veterinária não tem adiantado nada: é o velho sedenho, exhalções de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava.»

As diferenças entre o original e o publicado são portanto: 1.º — Completou a transcrição do remoque de Pina; 2.º — Aumentou: «Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica»; 3.º — Substituiu «sr. Pina» por «snr. Mariano Pina» e fez a necessária pontuação; 4.º — Substituiu «fumigações de enxofre por «exhalções de enxofre». E à frase «Se com isto não debelar as pulmoeiras», com que começava novo período, eliminou-a.

Na página 249 escreveu:

«Que os meus livros vão ser vendidos a 80 reis o kilo por que não pertengo á renovação das

litteraturas feitas pelos snrs. etc. Quer-me parecer que alguns dos esplêndidos escriptores nem cosidos responderão ao incenso de Pina como Horácio...» (o resto é indecifrável).

O original não tem emenda nem entrelinha. Veio a publicar-se:

«Diz que os meus livros vão ser vendidos o 80 reis o kilo; que estou velho e doente; que tenho bostellas, crôstas, pustulas, pus; que sou patriarcha d'uma escola que desapareceu como ha 46 annos o governo despótico; que a escola realista assistiu serena ao encovamento das meninas dos meus olhos.

«Diz que me lastima porque a sciencia augmentou, reformou-se, e eu não sou da roda dos reformadores Eça de Queiroz, T. Braga, R. Ortigão, G. Junqueiro. B. Moreno. Alguns destes nomes, representativos de talento extraordinario, devem responder ao incenso de Pina como Horacio aos philtros de Canidia. Se tem olfacto latino, fareje o verso:

«*disposa sonat quantun vesica, pepedi
Diffissa nate ficas.*»

E' fácil conjecturar que Camilo, quando escrevia no exemplar do *Galicismos*, não tinha diante dos olhos os artigos de ataque de Pina ou de Barreiros: se houvesse dúvida, a comparação dos textos bastaria para a dissipar.

O que escreveu no *Galicismos* é, em geral, menos aggressivo que a forma definitiva que compôs com os artigos dos seus adversários à vista. Dir-se-ia que, relendo-os, aumentava mais e mais a sua indignação, se erguia mais alto a sua cólera.

Assim, entre os períodos que acabamos de transcrever e que evidentemente tem sua origem nos que estão no *Galicismos*, meteu outros bem edificantes:

«Conta historias infantis de familia. Que quando tinha dez annos, lia os meus romances sentado no collo de umas tias. Como era precoce o gaiato! Aos dez annos já lia romances sentado no collo das tias! Eram umas tias, diz elle, que se alumiam com candieiro de tres bicos, porque os meus livros são anteriores ao petroleo e ao gaz.

«Pobres velhas tias com um mariola de dez annos no regaço! Como não havia de sahir palerma um madraço que aos dez annos cavalgava as pernas sovadas das boas velhas!»

Parecia ter findado, salvaguardando de injúria as velhas, que apparecem na questão como Pilatos no Credo, quando, em novo repelão, insolitamente prossegue:

«A respeito das serêsmas das suas tias temos conversado. Estes Pinas, tanto os machos, como as fêmeas, acho que eram uma curiosa familia de idiotas!»

Não tem comentário. É a fúria brava!

A maior parte dos apontamentos de Camilo para o artigo sobre Artur Barreiros encontram-se no verso da página 399 do *Galicismos*. São também a lápis.

Escreveu:

«Lá vou brevemente, resolvido a deitar-lhe o laço, segundo a sua espécie.»

Entrelinhou — «dar-lhe nozes».

Veio a publicar em *Os Críticos do Cancioneiro*:

«Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço.»

Escreveu:

«Se me sahir um mono dos ordinarios por exemplo o... (deixou um intervalo, para a designação da espécie) do Maranhão, que é tímido e covarde, tenciono trazel-o commigo para me desforrar das despesas.»

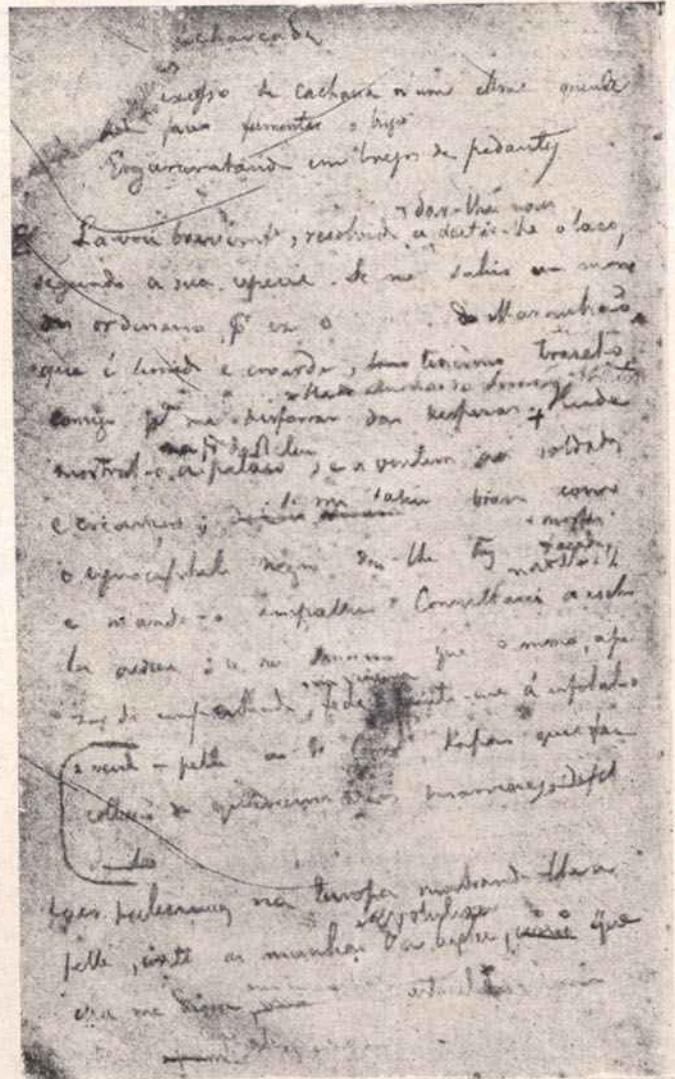
Entrelinhou: «vivo» sobre «trazel-o».

Em definitivo, publicou-se:

«Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos pollegares



Tomás da Fonseca



A execução de Simão Artur

dos pés, tenciono trazel-o commigo para me forrar das despezas da viagem.»

Assim desistiu de «mono do Maranhão», indicando o *simia satyrus* de Cuvier, juntando-lhe os seus característicos, e suprimiu o adjectivo «vivo».

Em entrelinha juntara: «Ha de chamar-se Simão Arthur».

Veio a publicar-se: «Ha de chamar-se Simão Arthur, seu pandego!» tornando mais directa a agressão.

Continua o rascunho: — «Hei de mostra! o a pataco, e a vintem aos soldados e creanças...»

Entrelinhou — «na feira de Belem».

Publicou-se: — «Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte reis».

A seguir escrevera: — «Depois veremos», mas riscou essas palavras. E prosseguiu: — «se me sahir bravo como o cynocephalo negro dou-lhe tres facadas e mando-o empalhar.» Sôbre a palavra «facadas» entrelinhou «mortaes» e, abaixo, escreveu «navalhadas».

Publicou-se:

«Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrancelhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos.»

O cinocéfalo tinha de ser morto cruelmente: propôs-se Camilo a matador; primeiro escolheu a faca, perante a navalha hesitou... Entretanto, veio a passar pela frente da sua janela algum carroiro do Minho, e as coisas tomaram outro rumo: Camilo cometeu-lhe a empresa...

Continua:

«Consultarei a eschola medica: se me disserem que o mono, apesar de empalhado, fede, limito-me a esfolá-lo, e vendo a pelle ao sr. Paiva Raposo que faz colecção de quadrumanos maaes.»

Entrelinhou, sôbre «fede», «na viagem», e separou no periodo as palavras — «e vendo, etc.» Publicou-se afinal:

«Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Sousa Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apesar de empalhado, fede em viagem, limitar-me-hei a esfolá-lo e trago a pelle. Se o snr. Paiva Raposo, que faz colecção de folles de quadrumanos maaes, não tiver a espécie, dou-lha. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento (*simia cinera*); tem o chimpanzé (*simia troglodytes*); tem o saitaia do Pará, o mico, o mariquinha do Maranhão, tem os variados monos patazes de nade-gas callosas, e cabeça chata; possui com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões garibas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha-Arthur, o *simia azinus* de Buffon.»

No rascunho escrevera com bastantes emendas, ainda sem saber o que fazer da pele: — «...faço prelecoens na Europa mostrando-lhe a pelle, conto as manhas da besta evolutiva, o que ella me disse em guinchos articulados, como consegui cagal-a...» mas, de-certo para não complicar, vendeu simplesmente o coirram e ao sr. Paiva Raposo.

E não ficou mal. Tal como veio a publicar-se, a página é talvez das mais trabalhadas de Camilo.

Vêem-se ainda notas incompletas: — «mas que não vou, sirva-se de...», «popularmente zoológica de Simão»... «Um excesso de cachassa no clima quente pode fazer fermentar o bugio»...

Num ponto, escreveu só: «Tapuya caápora degenerado», noutro, compôs já: «É um tapuya caápora degenerado, mas deve ter algumas luzes de linguagem».

Disto, ainda parte foi aproveitado:

«Como homem selvagem, Arthur, à parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo

chamar-se Tujucane ou Jaraáca, é um um tapuia caápora degenerado».

E do apontamento — «o que elle me disse em guinchos articulados», fabricou: — «Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições glossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia.»

O livreiro Chardron instava pela imediata remessa da prosa... Teve sorte Artur Barreiros, o Simão Artur, de Petropolis. Foi o que lhe valeu!

Porque veio a escrever Camilo os apontamentos, aproveitados para o 2.º artigo sobre Mariano Pina e para o artigo sôbre Barreiros, nas margens de um livro que parecia estar bem longe do recontro literário do *Cancioneiro*?

Explica-se o caso.

Como Mariano Pina houvesse empregado a palavra *vergalhar*, Camilo, no seu 1.º artigo, zurrizara-o:

«Diz que «vergalhei os modernos poetas.» E mais nada que desafie o uso do instrumento de que se faz o azorrague que lhe serviu para aquella verbo de cavalhariça. Eu nunca vi tal palavra fóra dos dicionários, nem sei se o calão dos bordeis a usa. O snr. Pina, quanto a linguagem, sobre ser ignorante, é porco.»

Pina contra-atacou, acusando-o de haver escrito tambem — «bimballadas de sinos».

Agora, no seu 2.º artigo, o autor do *Cancioneiro* responde:

«Tambem me dá um quinau em linguagem. Diz que eu, onde quer que fosse, escrevi — *bimballadas dos sinos*; e acrescenta: Isto sim que é decente, que é moral, que é delicado!

«Vou responder, mas não á snr.^a Mariana: é ao snr. Pinheiro Chagas, que em um folhetim antigo me malsinou aquella phrase, porque a considerou derivativa d'um vocabulo chulo que não estava na mente dos velhos escriptores portugezes que a usaram. A phrase encontra-se na *Choix de phrases metaphoriques, élégances, idiotismes, proverbes, etc. extrait des classiques portugais les plus estimés*, por José da Fonseca, professor da lingua portugeza. Paris, 1857.

«CONSTANCIO: *bimballada de sinos*, «o toque e estridor de muitos soando ao mesmo tempo».

«FR. DOMINGOS VIEIRA: *bimballada de sinos*, «o toque de muitos sinos ao mesmo tempo».

ROQUETTE: *bimballada de sinos*, «som de muitos».

«Não procede do termo vil que se figurou ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas: é transplantação onomatopaica do francez: *Brimbaler, secouer des cloches*.

«A phrase é precisa. Quando se quer dar uma idéa remota dos folhetins de Pina, é preciso chamar-lhes uma *bimballada de asneiras*».

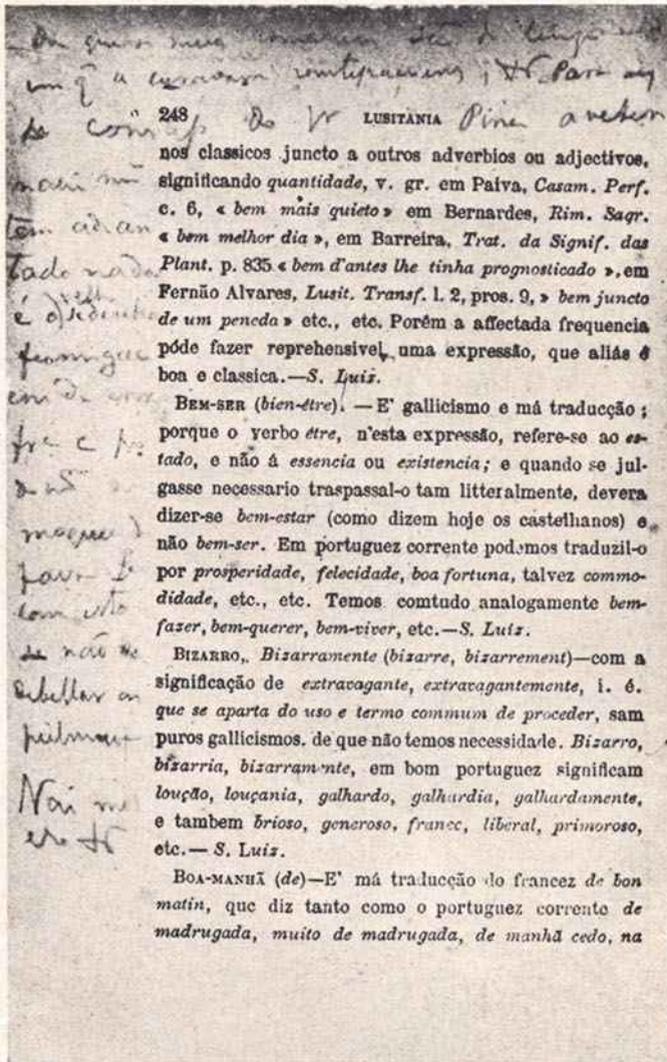
Camilo botara a livreria abaixo, para castigar o adversário. Em vão procurou no *Galicismos*, mas procurou. As notas sôbre Pina estão escritas a lápis, nas margens das páginas de 246 a 249, e na página 244 começam as palavras da letra B, na parte que contem um *Glossário das palavras da lingua franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugeza moderna*...

Procurando, e não encontrando, Camilo, na nervosidade do combate, prês a êle tódá a imaginação, de lápis em punho descaiu sôbre Pina, e sem mais detenças lhe foi fazendo a cama, ali mesmo.

Ele que costumava dizer: «Quem melhor as tem, melhor as joga...!»

Ninguem as jogou melhor e melhores do que Camilo!

Lopes d'Oliveira.



Mais uma zargunchada no Pina

O Concurso Hípico Internacional de Lisboa

teve êste ano grande animação e foi disputado com ardor



O Concurso Hípico Internacional, que se realizou em Lisboa no mês findo, teve excepcional animação, devido em grande parte à participação da valiosa equipa militar espanhola. Aqueles nossos hóspedes foram prestadas numerosas homenagens, que traduziram o muito apreço em que o Exército espanhol é tido no nosso país. Assim, o director da Arma de Cavalaria, sr. general Vieira da Rocha, ofereceu-lhes no dia 17 do corrente um almoço no Avenida Palace, e idêntica homenagem lhes foi prestada pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol.

No Palácio da Embaixada de Espanha também os cavaleiros espanhóis foram homenageados com um banquete

Ao alto: Um salto do tenente Helder Martins. A' direita: Os concorrentes antes duma das provas e a equipa militar espanhola com o sub-secretário do Estado da Guerra



As concorrentes mais classificadas na prova «Dianas» e ao lado, um salto de Conchita Cintron. A' direita: A assistência ao banquete oferecido pelo sr. embaixador da Espanha

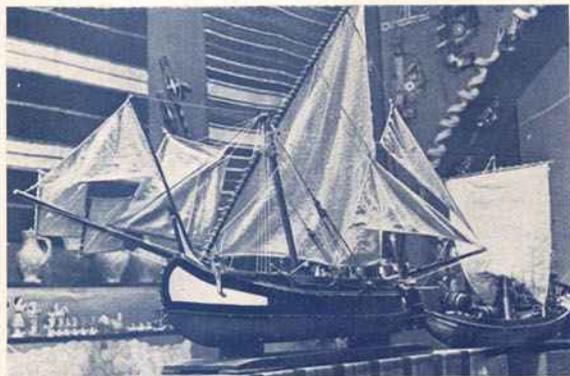
oferecido pelo ministro do seu país, sr. D. Cláudio Sanchez Albornoz.

As provas mais importantes do Concurso foram o «Grande Prémio de Lisboa», ganho pelo espanhol D. António Guzman, em que se classificou em 2.º lugar o português Machado Faria, e a «Taça de Honra» que coube ao espanhol D. Abdon Turrión, classificando-se a seguir Helder Martins, que ganhou por sua vez a prova «Sociedade Hípica».

A prova «Diana» para senhoras suscitou grande interesse e terminou pela vitória de D. Delly Lubini que fez o percurso sem faltas.

O chefe e oficiais da equipa espanhola ofereceram no dia 22 um almoço a várias entidades militares portuguesas e à direcção da Sociedade Hípica.





A Exposição de Arte Popular Portuguesa

admiraável documentário que nos revela a alma e a inspiração do nosso povo



A arte popular portuguesa, fonte de tanta maravilha, teve agora a sua consagração numa exposição que obteve o mais merecido êxito, atraindo milhares de visitantes. Tudo o que o povo realiza pelos seus processos ingénios e primitivos, em que há a frescura da inspiração, ali se encontra representado: as artes da madeira, da cortiça, do osso, do chifre e do papel; os barcos, carros, jugos e jarezes; a cestaria em vime, palha, palma e esparto; as construções e esculturas; os artigos de iluminação e os instrumentos musicais; a olaria e a ourivesaria; as tapeçarias, rendas e tecidos; e finalmente os trajes, representados por uma coleção de manequins miniatúrais. Admirável coleção de documentos etnográficos que importa conhecer.

Poveira com traje de spótes e apetrechos



Modelo de barco de pesca do alto, cedida pelo Aquário Vasco da Gama. A direita: Tronco de madeira de buxo, talhado em forma de torre



Em cima, à esquerda: Figuras do prétopio em barro pintado de Extremoz, obra de concepção e colorido ingéniosos, mas em que se revela latente um grande poder decorativo. A direita: Fundo de papel de seda recortado para armação de doces, trabalho de incomparável minúcia e paciência

À esquerda: Bonecos de barro pintado de Extremoz, duma factura primitiva, representando motivos da vida provinciana: porcos e cabalinhos, estilizados pela imaginação popular. A direita: Poveira em traje de spótes com todos os apetrechos da sua vila



Em cima: Juro ou canga, com suas coleiras, paças e tabaceros, de madeira esculpida, decorada de saídas, tendo ao centro uma cruz, com os dizeres «Iarcelos-Portugalia». À esquerda: Cantarinha dos Namorados, curiosa peça de olaria, proveniente de Guimarães

À esquerda, em baixo: Modelos de trajes populares: Gaitheira do Garamão, Patro do Sítio Vidas da Povoia de Vargem e Poveira com traje dominguesco, da Povoia de Vargem. A direita: Mulher com o trajo da festa dos Tabalheiros, de Tomar.



À esquerda: Mais trajes populares: Gaitheira, tipo de Lisboa, e Traçoso de Coimbra. Manequins realizados com sumo gosto, rigor de pormenor e absoluta perfeição, que mereceram da imprensa estrangeira as mais elogiosas referências quando da exposição da Arte Popular Portuguesa na Galeria Mout, em Genebra

À direita: Duas peças de barro pintado duma coleção de cinquenta e uma, representando figuras humanas, animais domésticos e objectos de uso cotidiano. Cerâmico de Iarcelos, policromado em tons vivos, em que deve sobretudo admirar-se a deformação que o artista imprimiu à representação plástica dos seus modelos



Túmulo de prata e cristal que encerra o caixão contendo o corpo interrompido da Rainha Santa, hoje no altar da Igreja de Santa Clara

COIMBRA, a formosa cidade dos doutores, vai festejar pomposamente o 6.º centenário da sua querida Rainha Santa que, segundo as crônicas, faleceu no dia 4 de Julho de 1336.

Nada mais justo, nem mais sincero. A encantadora cidade do Mondego cumpre um sagrado dever de gratidão. Foi adentro dos seus muros vetustos, numa era milagrosa, que o casamento da bondosa princesa de Aragão teve a comemoração mais entusiástica. Se o povo de Coimbra, levado por essa poderosa intuição que nunca se ilude, festejou tão do fundo de alma a nova rainha, é porque adivinhou nela o muito que lhe havia de ficar a dever.

Dentro em pouco, a rainha, apesar do verdor dos seus dezassete anos, começou a espalhar o bem, numa ânsia sempre crescente de tornar feliz um povo que tão carinhosamente a recebera.

Fundou asilos para as jovens que impelidas pela miséria, seriam arrastadas para uma vida de desgraça, e dotava as órfãs que, por falta de meios, não pod-



S. ELISABETHA INSTANTIAE REGINA VIXIT AN. LXV. OBIT AN. MCCCXXXVI

A Rainha Santa Isabel, segundo uma estampa de 1621

Misericórdias, teve os seus alicerces na obra da caridosa rainha Santa Isabel.

Por isso, Coimbra a festeja.

Ainda temos no ouvido aquela deliciosa quadra popular que, há muitos anos, as raparigas cantavam em ar de prece humilde, mas que ostentava mais imponência que o mais orquestrado *Te Deum*:

*Rainha Santa Isabel,
Quem dera o teu avelal
Para em rosas transformar
As águas de Portugal.*

Coimbra volta a festejar a sua amada rainha, e, se recorda ainda o milagre das rosas, não é para fazer avolumar a fama de avareza com que uma tradição urdida sobre falsidades atribuiu ao generoso D. Diniz que sempre patenteou a liberalidade mais franca, quer pagando generosamente aos moradores de Trancoso todas as despesas feitas com o seu casamento, quer enchendo de benefícios e mercês a Cidade Universitária.

A lenda das rosas de Santa Isabel de Portugal, à semelhança de tantas outras lendas idênticas que iluminam auréolas gloriosas a variadíssimas princesas, pode ser admitida apenas no sentido simbólico.

Não se refere a um episódio da vida da Santa Rainha que, para iludir a usura do marido, transformasse em flores as esmolas que tencionava distribuir pelos desprotegidos da fortuna, mas a toda a piedosa existência que arrastou através deste mundo de anarguras.

A sua abada de rosas, tão viçosas e perfumadas ao cabo de seiscientos anos, dá bem a ideia, numa síntese sublime, da grandeza de alma dessa princesinha aragonesa que os interesses do Estado, nem sempre compreensíveis, enviaram, numa formosa tarde de Julho, para Portugal, como para um exílio.

Quási três séculos antes, uma outra princesa havia sido considerada a prota-

riam ver realizada a grata aspiração de ter um lar. Junto do convento de Santa Clara, criou um hospício para as órfãs dos lavradores, que, na sua maioridade, saíam para casar. Possuidoras dum dote em terras a que teriam de dar cultivo.

Como se vê, o que D. Leonor havia de realizar mais tarde com a fundação das

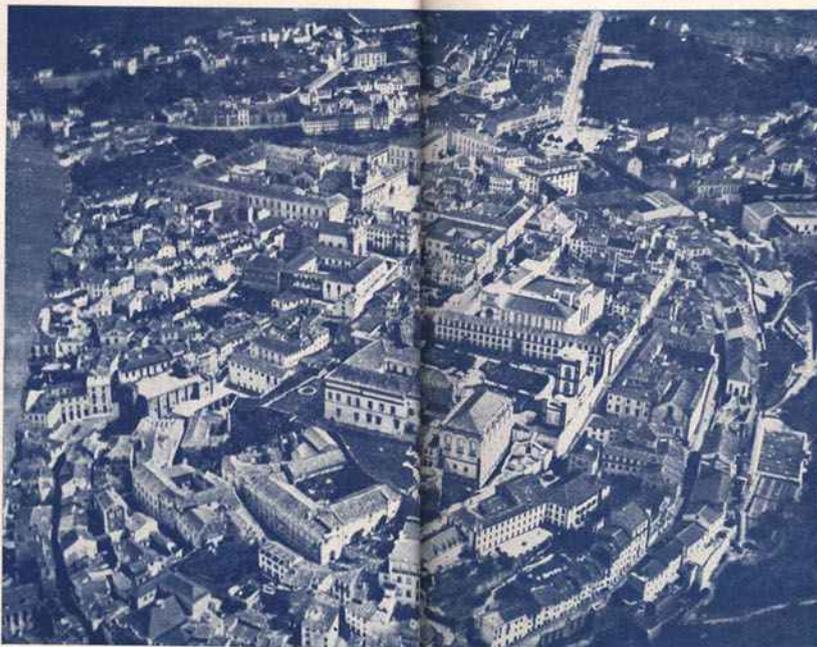
UMA LENRACIOSA A RAINHA SANTA E AS ROSAS

A cidade de Coimbra teia a sua gratidão

gonista duma lenda idêntica à atribuída à esposa pelos presos, se transformavam novamente de D. Diniz.

Segundo as velhas crônicas, reinando em Toledo mais pôs entraves às tendências caritativas e poderoso Al-Mamun ben Ismail, as suas vitórias, E, assim, a vida dos pobres cativos sobre os cristãos atulharam de prisioneiros a região a decorrer em maré de rosas, como se mórmas de Alcázar. A princesa Caçilda, filha.

Al-Mamun, compadecida dos cativos que solas não param aqui as lendas deste género. vam a sua desgraça por entre as mais duras da Hungria, tia-avó da nossa Santa vações, impôs a sua autoridade aos guardas, teve também o seu milagre das rosas, que cárcere, e começou a levar aos desgraçados tomado assim por Montalambert: os alimentos e conforto ao seu alcance. Oabel sentia grande contentamento em levar avisado do procedimento da filha, quis certificar-se dos seus vestidos, não só di-



denúncia recebida, e, um dia, saíu-lhe ao encontro, surpreendendo-a na sua piedosa missão. A princesa caminhava a custo, segurando uma enorme abada de esmolas e albergues dos vales vizinhos. Um dia, em

— Que levais aí? — perguntou o rei, carregado de serviços, acompanhada pela mais dedicada das servias, por um caminhar pedregoso que E, entreabrindo a aba, mostrou ao rei marac, ovos e outros alimentos destinados aos seus lhado, rosas vermelhas e tão viçosas como se, encontrou-se, de repente, face a face, com marido que regressava da caça. Admirado de

Acrescenta a lenda que estas rosas, ao serem a

esposa oprimida pelo peso do fardo, disse-lhe:

— Vejamos o que levais.

— E ao mesmo tempo abriu violentamente o manto que a rainha, amedrontada, aconchegava ao seio; mas apenas encontrou rosas brancas e vermelhas, das mais belas que em sua vida logrou ver.

— Vejamos o que levais.

— E ao mesmo tempo abriu violentamente o manto que a rainha, amedrontada, aconchegava ao seio; mas apenas encontrou rosas brancas e vermelhas, das mais belas que em sua vida logrou ver.

Ora, a lenda das rosas de Santa Isabel de Portugal é contada de várias maneiras.

Eis uma das muitas variantes:

Mandando Santa Isabel reedificar o convento de Santa Clara de Coimbra, quis premiar a canseira dos afanosos operários.

Nessa intenção dirigiu-se para o local da obra, conduzindo uma abada de dinheiro em ouro. Foi surpreendida, a meio do caminho, pelo rei D. Diniz que lhe perguntou:

— Que ocultais no regaço, Senhora?

— São rosas! — respondeu Santa Isabel.

E, abrindo a abada, mostrou rosas.

Ainda outra variante que coloca D. Diniz em melhor posição: Uma tarde, em Alenquer, passando pela rainha uma camponeza com um ramo de flores na mão, a soberana mandou-lhas pedir por uma servilha. Dalí Santa Isabel dirigiu-se ao local onde se estava a edificar, por ordem sua, um templo, e, entregando a cada um dos operários uma rosa, salientou-lhes que assim ficava pago o salário daquele dia. Tomaram os trabalhadores a dívida da flor à conta de gracejo, e só como oferta da rainha a guardaram. Pouco depois, as rosas transformaram-se em dobrões de ouro.

Como o milagre tivesse constatado a D. Diniz, este mandou chamar os operários, e certificando-se do prodígio, disse à rainha que, se lhe escasseavam os meios para a edificação do templo, dali em diante as

obras seriam subsidiadas pelo cofre da fazenda real.

A memória de Santa Isabel merece um culto

Mausoléu que a Rainha mandou, em vida, lavar e está no côro-batco de Santa Clara-Nova



A morte de Santa Isabel

especial porque foi boa e caridosa, porque espalhou todo o bem que pôde por todos os desgraçados sem arrimo, e ainda por tudo quanto fez em prol da pacificação dos portugueses que, arrastados por ambições mesquinhas, se empenhavam numa guerra civil que ensanguinava o país inteiro.

Foi o anjo da paz e da caridade, e por isso merece a nossa veneração.

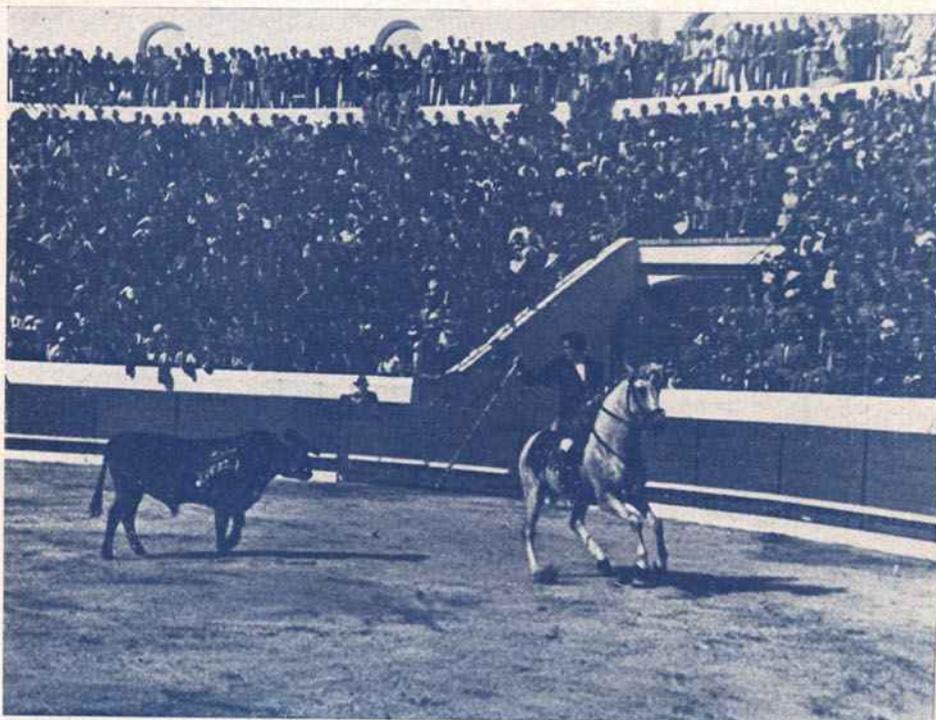
O milagre das rosas, esse pode servir para inspiração dos poetas que, ao verem passar uma vendedeira de flores, pobrezinha e formosa, lutando tão cedo por uma vida tão afadigada que não merecia, lhe murmuram, num curioso trocadilho cheio de unção e ternura:

*Tu lembras florista airosa,
Santa Isabel de Aragão,
Ela do pão fez as rosas,
Tu das rosas fazes pão.*

Coimbra vai festejar a sua querida Rainha. Bem haja pela sua gratidão!

Gomes Monteiro.





CONCHITA CINTRON ROJONEADORA DE 13 ANOS

A corrida de touros realizada na Praça de Algés no dia 7 do mês findo teve como principal atracção a apresentação da jovem toureira Conchita Cintron, de 13 anos de idade.

Conchita Cintron, que é norte-americana, dedicou-se à perigosa arte de lidar touros, sob a direcção do grande equitador e lidador tauromáquico D. Rui da Camara (Ribeira Grande). A sua coragem e entusiasmo juvenil permitiram-lhe tirar das lições do mestre o maior proveito, encontrando-se assim em condições de se apresentar como uma rojoneadora de merecimento.

A sua lide de dois garraios deixou por isso a melhor impressão no público pelo aprumo, desembaraço e valentia que manifestou. Daí os aplausos que coraram as fases do seu trabalho, que o público seguiu emocionado.

Conchita Cintron não voltará a apresentar-se ao público, entre o qual deixa contudo muitos admiradores. O seu caso, que é único na tauromaquia, tanto pelo sexo como pela idade, é afirmação brilhante do espirito de conquista que anima a mulher de hoje.

As nossas gravuras representam, à esquerda, uma fase da lide, em baixo, Conchita Cintron num dos intervalos da corrida.

Num século em que os homens parecem fraquejar na sua coragem varonil, não é descabido que apareça uma mulher a dar-lhes o exemplo.

E, para exemplo, até a arte de tourear serve.



GIMNÁSTICA RÍTMICA

Está pouco desenvolvida entre nós a gymnástica rítmica, uma das mais belas manifestações da cultura física e, sem dúvida, a que mais convém à mulher. É caso para o lamentar, pois a gymnástica rítmica, a par do desenvolvimento harmónico do corpo, tem a função de cultivar o sentido estético, que tanto interesse e cuidado deve merecer.

Esta circunstância mais valiosa torna as raras manifestações que dessa modalidade de cultura física se apresentam. No sarau escolar do Liceu Municipal da Figueira da Foz um grupo de alunas exhibiu alguns exercícios de gymnástica rítmica que agradaram muito. A gravura que encima estas linhas apresenta um aspecto dessa exhibição.

SANTOS POPULARES

As festas dos Santos de Junho mantêm nos bairros populares todo o seu caracter e pitoresco. Nas noites de Santo António, S. João e S. Pedro, armam-se em certas ruas os arraiais da tradição, em que a única nota modernista é a iluminação eléctrica, a substituir os antigos côtos dos balões. A música anima um baile em que os pares dançam indiferentes ao trânsito. É este um dos raros aspectos da vida popular que a civilização não contaminou. A gravura da direita mostra um aspecto do arraial na rua da Barroca em que se folgou com uma animação estrondosa até altas horas da manhã. Para o ano sucederá o mesmo e assim continuará a ser pelos séculos fora.



CURIOSIDADES DO ESTRANGEIRO



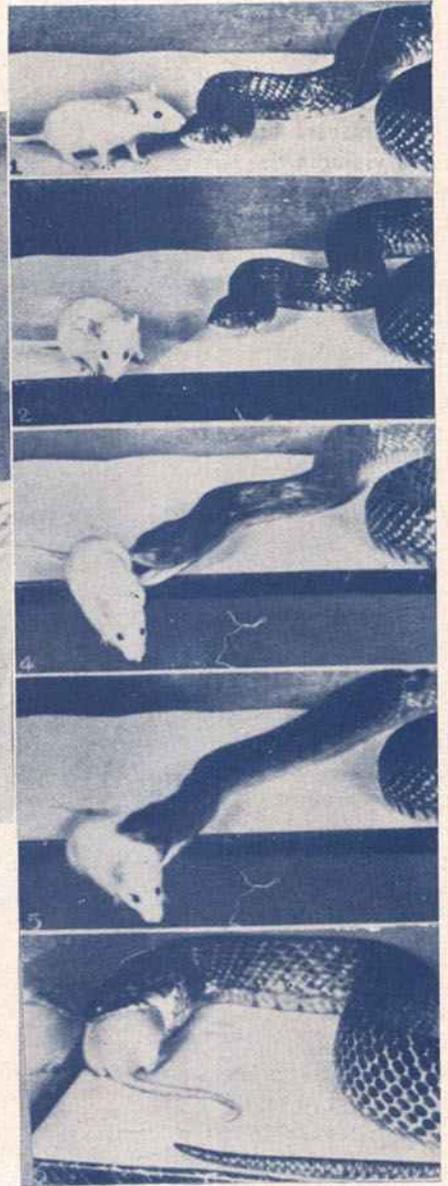
Pai aos 96 anos

GEORGE ISAAC HUGHES está causando sensação entre os médicos dos Estados Unidos: acaba de ser pai com a bonita idade de 96 anos. Sua mulher, que conta apenas 28 anos, apresentou-o no dia 3 do mês findo com uma menina.

Já há dois anos, Isaac Hughes provocou igual estupefação nos meios científicos. Tinha então 94 anos e o nascimento dum seu filho foi considerado como um facto invulgar. Acaba porém de ultrapassar o seu próprio «record», o que se afigura inexplicável. A gravura mostra o nonagenário, tendo ao colo um filho de dois anos e ao lado a esposa com o recém-nascido. O mais curioso é que, como Isaac Hughes é casado em segundas núpcias, as duas crianças têm um irmão com 63 anos de idade.

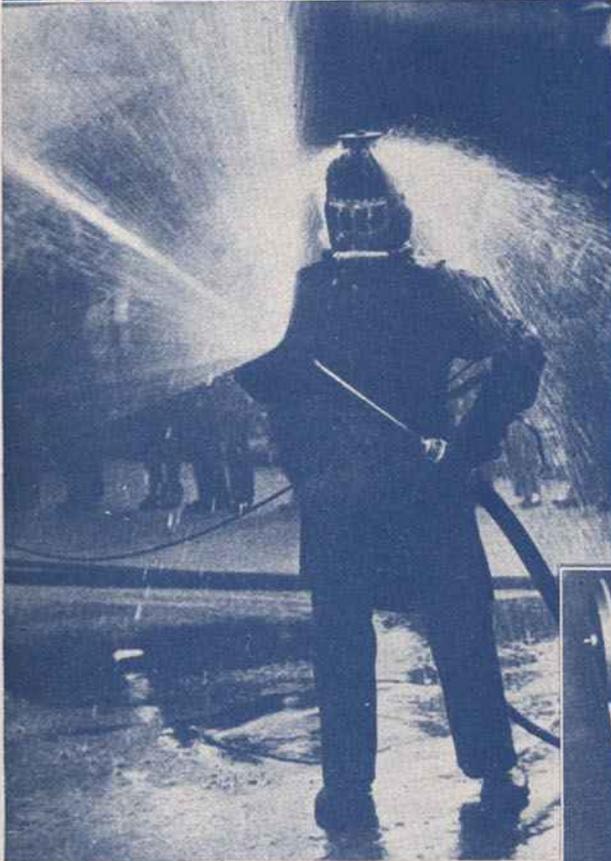
Armas contra o fogo

NUMA exposição alemã foi apresentado o dispositivo para bombeiros que a nossa gravura da esquerda representa. Um chuveiro colocado sobre a cabeça rodeia o homem com um veu de água, o que lhe permite acercar-se muito mais do foco do incêndio e resistir a altas temperaturas.



Dramas da vida animal

As seis imagens que encimam estas linhas ilustram a triste história dum ratinho branco que se acercou imprudentemente duma serpente. Mal impressionado pelo estranho encontro o infeliz roedor ainda tentou escapar-se. Mas era demasiado tarde e a última fotografia mostra-o já a caminho do estômago do réptil. A cena foi fotografada na Exposição Nacional de Serpentes há pouco realizada em Nova York.



Dois milhões de assinaturas

O Estado norte-americano acaba de conceder um bonus aos ex-combatentes. São dois milhões de cheques que se torna necessário distribuir. Este número dá ideia da esmagadora tarefa que incumbe ao Tesouro. Para assinar esses cheques inventou-se esta máquina. O alto-funcionário a quem incumbe a pesada missão assina um deles e quinze canetas ligadas electricamente reproduzem a sua assinatura. Mas nem por isso, deixa de ter trabalho para muito tempo. A fotografia reproduzida à direita mostra o engenhoso aparelho que tem o singular nome de «sineografo». E mais um dos aspectos da mecanização da vida no Novo Mundo. Vem ainda a propósito dizer que a distribuição destes cheques pelo correio criou um tal excesso de serviço que foi preciso contratar especialmente para esse fim cerca de 200 funcionários. Na América as coisas fazem-se assim...



A CABEI neste instante de reler as cartas de Florbela, escritas há uma dúzia de anos, quando o sol, o pálido sol de uma ante-primavera incerta doirava as vidraças daquela janela na qual ambos nos debruçávamos sobre a vida: a janela da nossa mocidade.

Acabei neste momento de as reler, fazendo passar pelos meus olhos, maguados pela luta, e pela braza do sonho, as suas frases amigas, tocadas de uma suavíssima ternura; emolduradas de outono, de esbatidos, de dolorosas incertezas, quiméricas visões de além, frases reveladoras e tristes, escritas em longos instantes de abatimento, criadoras e fecundas, das mais belas de tódta a sua obra.

Pavorosa incerteza a que se colhe, e fica pegada a nós, através da leitura do seu "Livro de Máguas"; o primeiro, o que a revelou aos olhos tresloucados do público.

Paro uns minutos, deixo que os meus olhos tombem ao acaso, em repouso, sobre as suas frases amigas, e fico-me a soerguer a figura esguia, bem raçada, da poetisa alentejana que a vida de Lisboa tornou mais requintada e possivelmente, mais triste e ascética.

Eramos ambos estudantes. Ela cursava direito e eu, mais positivo, as medicinas, e ambos freqüentávamos o Campo de Sant'Ana, jardim de goivos que abraça as duas Faculdades, e que religiosamente guarda os dois pinheiros mais lindos, e esguios de Lisboa.

Em certas manhãs de primavera, floridas e mornas, faltávamos às aulas, e ficávamos a conversar nessa outra academia,

FIGURAS DO PASSADO

FLORBELA ESPANCA

a natureza, que tem por lente o azul do céu. Florbela, irmã de um amigo querido, que bem cedo a morte arrebatou, o Apeles



Dois artistas que a morte arrebatou, Florbela e Apeles Espanca; dois irmãos que a morte uniu até à eternidade

Espanca, dizia-me versos, enchia de encantamento motivos fúteis, e cuidava com ternura dos canteiros do jardim, que ela julgava seus, feitos para nós.

Certa manhã a Florbela, doente de nostalgia, não voltou. Nunca mais repetimos os nossos passeios, e os pinheiros deixa-

ram de ser dentro de nós motivos de melancolia. O Apeles, interrogado por mim certa tarde, ao subirmos o Chiado, disse-me que ela tinha regressado a Vila Viçosa. Nunca mais a vi, nunca

mais a encontrei, e só passei a ter notícias dela, da sua existência, pelos livros que a sua saúde me enviava.

Um dia, manhã dentro, ao atravessar o Campo de Sant'Ana, numa daquelas jornadas a que sou obrigado pela vida, quando recordava mentalmente meus tempos de estudante, estimulado por um bando de capas negras que passeava ao longe, um amigo comum gritou-me a notícia da morte de Florbela.

Era manhã de primavera, igual às outras, emoldurada por um idêntico azul de céu, batida por igual aragem, que levemente curvava as hastes esguias das flores.

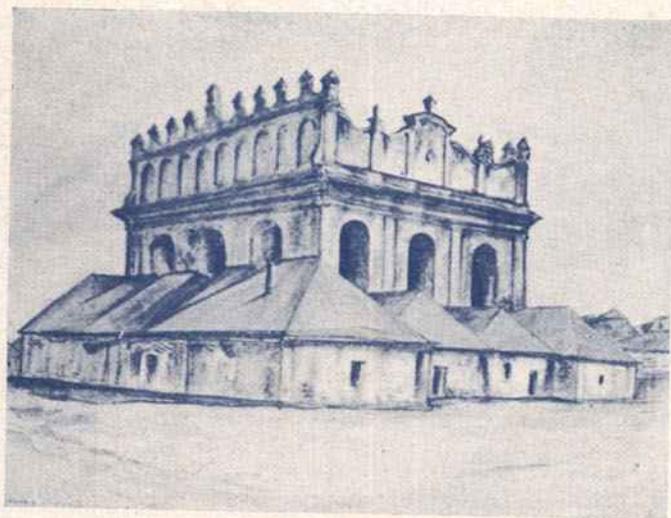
Transfigurou-se naquele instante o jardim da minha infância. Tinha chovido na véspera.

A inesperada notícia da morte da Florbela, a boa amiga, a poetisa do tédio, enchera-se instantaneamente, de um só golpe, de uma profunda tristeza. Cruzei o jardim ao acaso, e tive pela primeira vez a impressão que a terra das suas ruas, talhadas simetricamente, humedecida pela chuva, naquela manhã alta de primavera, era igual à dos cemitérios, à da morte...

Não sei porquê, porque estranha comparação, o orvalho das flores tinha o perfume das lágrimas, parecia feito de lágrimas.

Augusto d'Esaguy.

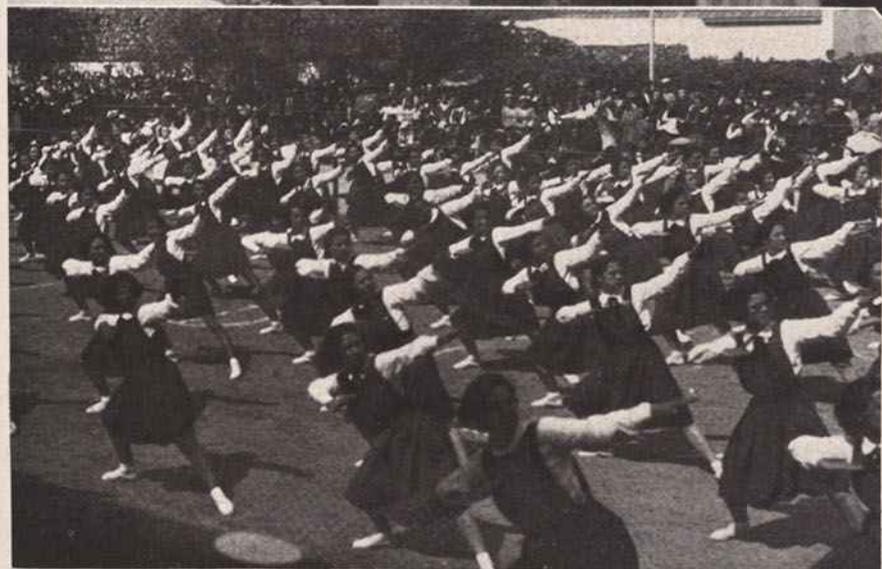
UMA EXPOSIÇÃO DE GEORGES K. LUKOMSKI



G EORGES K. LUKOMSKI, architecto desenhador, apaixonado pelas velhas sinagogas, expõe actualmente na Associação da Juventude Israelita de Lisboa os apon-tamentos que o seu lápis primorosamente colheu, impressionou para a eternidade. As duas gravuras acima são amostras dos seus maravilhosos trabalhos.

FESTAS ESCOLARES

O encerramento do ano lectivo foi este ano marcado por algumas festas significativas que bem demonstram o cuidado e atenção que o ensino está merecendo às esferas oficiais. No Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas o acto teve a assistência



Ao alto: Trecho da Exposição de almofadas, no Instituto de Odivelas. A' esquerda, ao alto: O Chefe do Estado apreciando os trabalhos. Em cima: A secção de vestidos na Exposição de Odivelas. A' esquerda: Exercícios de ginmástica pelas educandas

tos os trabalhos escolares e manuais realizados pelas alunas do Instituto. No campo de jogos realizou-se depois um programa desportivo que constou de ginmástica infantil, rítmica e sueca, escola de marchas, saltos à corda e um desafio de "basket-ball". Aos visitantes foi depois servido na Sala da Culinária um copo de água confeccionado pelas educandas.

No mesmo dia realizou-se no Colégio Militar a inauguração duma exposição de trabalhos escolares a que também assistiram o sr. Presidente da República e o ministro da Educação Nacional além de muitas outras individualidades de categoria.

do sr. Presidente da República e ministros da Marinha e Educação Nacional. O Chefe do Estado e os membros do Governo percorreram as salas onde se encontravam expos-

A' direita: O Chefe do Estado à sua chegada ao Colégio Militar
Em baixo: Um aspecto das provas





Gary Cooper numa atitude que lhe é peculiar

tia a caminho do desconhecido. Animava-o, porém, a ideia de quem não se arriscou... Ao dirigir-se assim para a Califórnia, já sabemos que Gary Cooper não tinha a mais pequena ideia de se dedicar ao cinema. Pretendia obter colocação na Imprensa como desenhador, mas só encontrou as maiores decepções. O mais que conseguiu foi ser recebido pelo director dum jornal que o convidou a demonstrar os seus dotes artísticos. Parece, contudo, que estes não se revelaram prontamente e o lugar foi-lhe negado.

Manifestou-se aqui mais uma vez que certos malogros só o são na aparência. Ao ver baldadas todas as esperanças que o tinham trazido a Los Angeles, Gary Cooper tratou de procurar qualquer género de trabalho que lhe permitisse ir subsistindo enquanto se lhe não proporcionava ocasião de impor os seus méritos artísticos.

O primeiro trabalho que obteve foi de angariador de anúncios. Era pouco remunerativo e não tardou em substituí-lo pelo de agente duma fotografia, encarregado de andar de casa em casa para arranjar clientes.

Havia três meses que desempenhava estas funções quando alguém lhe sugeriu que se apresentasse nos estúdios cinematográficos, onde muita gente obtinha trabalho como comparça.

Seguiu o proveitoso conselho. Mas se a ideia de trabalhar para o cinema lhe despertou quaisquer ambições não tardou de certo em perdê-las. Durante um ano nada mais fez do que servir de



Gary junto duma escultura em madeira que se encontra a porta da sua residência e pela qual manifesta grande estima

FIGURANTE ANÔNIMO CINEMA

O destino Gary Cooper constitui a prova do ri males que vêm por bem,,

figurante anónimo numa dúzia de filmes. Era uma situação obscura, igual a tantas outras, da qual só um acaso feliz o poderia tirar.

Mas esse acaso produziu-se. Hans Tiesler, produtor independente, reparou nele e confiou-lhe pequenos papéis. Representou de «cow-boys» em películas do «Far-West». Era pouco, mas constituía um progresso notável.



Foi um desses filmes que chamou a atenção de Schulberg, ao tempo um dos dirigentes dos estúdios da «Paramount». O facto teve importância decisiva na carreira do novo actor, pois é para aquela empresa que Gary Cooper tem produzido quasi todos os seus filmes.

Schulberg convidou pois Gary Cooper a comparecer nos escritórios da empresa e este, devido à impaciência de que se achava possuído, adiantou-se à hora marcada e, devido a um equívoco, em lugar de se dirigir à sala de espera que lhe foi designada, entrou no gabinete onde os dirigentes se encontravam reunidos em conselho.

Apesar da natural perturbação, Gary Cooper manifestou nesse lance um à-vontade que impressionou agradavelmente os assistentes. E logo acordaram contratá-lo, o que poupou a Gary Cooper o trabalho de se submeter às formalidades pelas quais se determina se o aspirante a actor possui ou não as qualidades requeridas.

Pouco tempo depois, Gary Cooper obteve um papel de segunda categoria no filme «Asas». Foi o que se chama uma estreia auspiciosa. A seguir, já prestigiado por este trabalho, desempenhou um dos personagens de «Aquilo», com Clara Bow. A sua celebridade estava feita e daí por diante nada mais lhe restava do que

O actor com Sandra Shaw, sua mulher

confirmá-la, melhorando cada vez mais os seus recursos de actor inteligente.

Os filmes do «Far West» tinham nesse tempo grande voga. Como actor principal nesse género,



«Clive of India», uma das suas vigorosas criações

a «Paramount» designou Gary Cooper. Conhecedor do ambiente e destro nos exercícios que esses papéis requeriam, era ele sem dúvida a pessoa indicada. Produziu assim uma série de películas que entusiasmaram os cinéfilos dos dois hemisférios.

Aos filmes de «cow-boys» sucederam os de



«gangsters». Uma das mais expressivas fotografias de Gary Cooper seguiu a moda. E provou que o seu talento nada sofrira por abandonar as vastas planícies onde cavalgava. Ao lado de Sylvia Sydney em «Ruas da Cidade», continuou a ser o mesmo actor vigoroso e expressivo, confirmando assim as esperanças que nele depositavam.

Em 1931, os médicos aconselharam-lhe a suspender o trabalho por motivos de saúde. Gary Cooper aproveitou a ocasião para tomar parte na expedição que, organizada por Jerome Preston e sua esposa, se dirigiu para Africa. Tomou parte em emocionantes caçadas. E no regresso, ao referir-se à aventurosa viagem às selvas do Continente Negro dizia: «conviei tanto ao homem como ao actor; ao homem porque o deixou como novo; ao actor porque, ao fazê-lo experimentar sensações insuspeitadas, o habilitou a exprimir melhor as dos personagens que no futuro terá de interpretar».

Os filmes de Gary Cooper são, como vimos, numerosos. Muitos deles são criações de excepcional categoria, que o impõem como um dos mais notáveis actores do cinema. Queremos aqui destacar — por o considerarmos um dos melhores — «Marrocos», em que, sob a direcção de Josef von Sternberg, contracenou com a grande actriz Marlene Dietrich. Raras vezes se tem reunido um par que exprima com tanta intensidade os sentimentos primitivos do amor e da aventura.

Nas suas horas vagas, Gary Cooper continua a dedicar-se à pintura e ao desenho. É um artista apreciável, cujos trabalhos pouco

Com Marlene Dietrich numa cena de «Marrocos»

numerous são bem pagos pelas empresas dos grandes magazines norte-americanos. Na intimidade, deixa de boa vontade de falar nos seus filmes para conversar sobre a sua arte de desenhador. E por uma série caprichosa de acasos aquilo que tudo parecia indicar dever tornar-se o seu modo regular de vida, é hoje o seu passatempo favorito, nas raras ocasiões em que avida árdua do estúdio lhe consente ócios.

Como actor Gary Cooper é um dos mais conscienciosos que animam os «ecrans». Entrega-se ao seu papel, vive a existência e as emoções do personagem que lhe compete incarnar, consagra-se ao seu trabalho com uma perseverança raríssima. O escrupulo e ardor que põe nas suas criações explicam o poder de sugestão e vigor das figuras que compõe e que muito outros actores de renome invejam. Não há, na sua já longa carreira, papéis insignificantes, porque em todos põe um cuidado minucioso.

Mas isto, que nos dá a razão do seu êxito, é também a causa da depressão física a que por vezes, sucumbe, e que chega a inspirar sérios cuidados aos seus íntimos. Desportista perfeito, educado na escola rude dos «cow-boys» do «Far West», Gary Cooper não resiste, contudo, por vezes ao dispêndio anormal de energia nervosa que os seus papéis representam. Daí as interrupções do seu trabalho, a que o conselho prudente dos médicos por vezes o força.

De resto, todas as suas criações nos dão o espectáculo dessa dissipação de energia. Gary Cooper é no cinema — como na vida — o homem animado duma vontade implacável, para quem o físico não é um fim, mas um meio, e que não recua perante o perigo e o sacrifício para alcançar os seus objectivos. «Marrocos» — que já atrás citamos — pode ilustrar estas considerações. Mas «Clive of India» e muitos outros filmes servem admiravelmente como exemplos convincentes.

Festas de caridade

«NO POLITEAMA»

Constituíram sem dúvida alguma, um dos maiores acontecimentos mundanos e artísticos desta temporada as três recitas de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade levou a efeito no teatro Politeama, cujo producto se destinava a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Abriu o espectáculo pela peça em 1 acto «Dans la jungle» de Gabriel d'Her-villez, representada em francês por D. Maria Adelaide de Melo de Castro (Pernes), «Rose», D. Maria Rita Morales de los Rios de Castro «Servine», Pedro de Brito e Cunha, «Stiosser» e José de Oliveira Belo, «Marquis de Guarda», amadores que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar a sua vocação para a arte de Talma. Pena é que tão distintos amadores tenham escolhido uma peça franceza, e não uma peça portugueza Seguiu-se o bailado «Melody Boy's» de Eduardo de Carvalho, muito bem marcado por Maria Amélia Morales de los Rios, Tereza de Lencastre Ferrão, Jorge de Paiva Raposo e Pedro de Brito e Cunha, número que foi obrigado a repetir.

Depois de um intervalo, deu-se começo à apresentação da revista em dois actos e cinco quadros, original de Acácio de Paiva e D. José de Siqueira (S. Martinho), com música de Armando da Câmara Rodrigues, bailados de Francisca, encenação de António Pinheiro e figurinos de José Barbosa, que foi um propósito para alguns ditos de espirito, boas rábulas, sobre tudo a da «Velha do Tiroliro», por D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, que mais uma vez teve ocasião de pôr em destaque a sua veia cómica. A mesma amadora também se evidenciou nas outras duas rábulas que lhe couberam «D Izabel» e «Jogadora». Em papeis de destaque temos ainda que salientar D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, no «Prologo» e na «Inês»; no primeiro D. Maria José Belmarço, disse muito bem uns lindos versos e no segundo marcou magistralmente o tipo de mulher de Amarante. Em outras rábulas de menos importante concorreram para belo conjunto D. Mariana Anjos Diniz, D. Tereza d'Orey, Maria Manuel Zilhão, D. Maria Gabriela da Câmara Pereira, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Mafalda Ulrich, D. Maria de Lourdes de Barros da Costa Belmarço, uma bela chefe de quadro, e D. Maria Luiza da Gama Sepulveda, uma interessante «creadita» que nesse pequeno papel revelou-se num grande à-vontade, uma verdadeira artista, vindo assim mais uma vez confirmar o ditado «filho de peixe sabe nadar», Luís da Gama; que tinha a seu cargo o «compère» animou a cêna com o seu extraordinário à-vontade, confirmando mais uma vez que é, não um amator, mas um verdadeiro artista cómico, sublinhando com arte o mais pequeno detalhe, D. Nuno Almada, outro elemento da velha guarda, num pequeno papel, desenhou com arte, D. António de Bragança, num chefe de quadro, teve ocasião de mais uma vez pôr em destaque o modo de trabalhar, animando com o seu fino espirito o quadro em que chefiou D. José de Almeida (Lavradio), Francisco Ribeiro Ferreira, José Campos, concorreram para o harmónico conjunto. Deixamos para o fim a referência a D. Maria Sofia Pedreira Duarte Costa que com D. José de Siqueira (S. Martinho), cantaram deliciosamente um fado, na parte sentimental e êle na parte cómica, deram extraordinário relevo a êsse número que obrigado a trisar, não só pela letra, como sobretudo pela forma como foi interpretado.

Mas um dos «clous» da revista foram sem dúvida alguma os números de conjunto, em que figuram em primeiro lugar o «Bailado do Mah-jong», cantado por D. Maria Adelaide de Melo de Castro (Pernes), e interpretado por D. Maria Amélia Morales de los Rios Frois, D. Maria José Pinto da Cunha, D. Maria Tereza Ferrão e D. Maria Manuel Zilhão, «Ventos». D. Maria do Carmo da Câmara (Belmonte), D. Maria de Melo Breyner e D. Maria José de Castelo Branco, «Drações», D. Maria Luiza Baptista, D. Maria Carlota Emauz, D. Maria Elisa Cabral e D. Maria da Graça Emauz, «Famílias-Circulos», D. Maria da Paz Sobral Cid,

D. Maria Tereza Rego Sobral, D. Maria Isabel de Castro Pereira Arriaga e Cunha, D. Stela Marçal Mendonça, «Bambús», D. Maria Manuela Sousa e Melo, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Maria Helena Folque e D. Francisca Palma de Atouguia, «Caracteres», D. Laura Reis Ferreira, D. Maria José de Azevedo Gomes, D. Josefina Ricciardi, D. Maria Isabel Correia Roquete,

VIDA ELEGANTE

D. Maria Luiza Correia de Sampaio, D. Leonor Correia Roquete, D. Tereza Leitão e D. Maria da Conceição Torre do Vale, «Flores», Joaquim Luiz Pinto Basto, Segismundo Castelo Branco, José Castelo Branco, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), Geynn Crato, Henry Hatherly, Guilherme Gomes, Manuel Leitão, D. Fernando de Melo de Castro (Pernes), e José de Paiva Raposo, «Murilha da China». Seguiu-se «A valsa das Damas e Valetes», cantada por D. Maria Tereza de Noronha (Paraty), e José Manuel do Amaral Pirrayt, e dançado por D. Maria da Câmara Pereira, D. Helena Burnay de Almeida Belo, D. Maria José Pinto da Cunha, D. Maria das Dores Casal Ribeiro, D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Rita Morales de los Rios de Castro, D. Maria Isabel Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Torre do Vale, D. Maria Emilia Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria da Conceição de Melo Breyner, D. Margarida Mascarenhas, D. Maria da Graça Presler, D. José de Almeida (Lavradio), Guilherme Gomes, Manuel de Castro (Resende), Francisco Daun e Lorena, José Manuel Guedes, José Fiuzza, D. Fernando de Melo de Castro (Pernes), Eduardo Anahory, António Leote do Rego, D. Alexandre Henrique de Lancastre (Alcaçovas), Francisco Pessoa e D. José de Bragança, «Quadro Tirolez», cantado por D. Maria Calheiros de Azevedo e Joaquim Luiz Pinto Basto, e dançado por D. Maria Margarida Campos de Andrade, D. Francisca Palma de Atouguia, D. Tereza Maria Plantier, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, Miss Sellers, D. Maria Cândida Malheiro Reimão, D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Domingas Luiza de Sousa Coutinho, D. Maria Amélia Morales de los Rios Frois, D. Maria Tereza Ferrão, D. Maria Helena Folque, D. Maria Adelaide Reimão Nogueira, D. Rita Burnay Carvalho, D. Cecília Abecassis, D. Maria Tereza Emauz, D. Luiz da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), Francisco Daun e Lorena, Glynn Crato, Guilherme Gomes, Pedro de Brito e Cunha, Jorge de Paiva Raposo e Henry Hatherly, e finalmente as «Amendoceiras em Flor» dançado por D. Maria Isabel Correia Roquete, D. Tereza d'Orey, D. Maria Leonor Correia Roquete, D. Margarida Mascarenhas, D. Tereza Leitão, D. Josefina Ricciardi, D. Maria Manuela Sousa e Melo, D. Maria Manuel Zilhão, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Maria José de Azevedo Gomes, D. Margarida Cardoso e D. Maria Luiza Baptista, sendo todos os números de conjunto bizados.

Nos finais dos actos a selecta assistência, que enchia por completo a vasta sala de espectáculos aplaudiu com entusiasmo, todos os intérpretes, aplausos de que também compartilharam Armando da Câmara Rodrigues, António Pinheiro, Francis e José Barbosa, a quem se deve em grande parte o êxito obtido por tão distintos amadores.

Festas como estas honram sobremaneira quem as organiza e leva a efeito, porque além de fazerem o bem, dão ao mesmo tempo um enorme prazer espiritual. Estamos certos que a comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

Casamentos

Pela sr.^a D. Alice Dias Perdigão, espôsa do sr. António Perdigão, foi pedida em casamento para seu filho António, a sr.^a D. Maria Luiza Nogueira Mariz, gentil filha da sr.^a D. Maria Isabel Nogueira Mariz e do sr. Alvaro Simões Mariz, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Com muita intimidade realizou-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da distinta médica sr.^a dr.^a D. Custódia Alves, filha da sr.^a D. Rufina Alves e do sr. Vicente Alves, já falecido, com o sr. Alberio Xisto do Vale, filho da sr.^a D. Georgina Xisto do Vale e do sr. António Joaquim do Vale, tendo servido de madrinhas a irmã da noiva sr. D. Celeste de

Oliveira e a mãe do noivo, e de padrinhos o cunhado da noiva sr. António de Oliveira e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua-de-mel.

— Na capela da elegante residência da sr.^a D. Margarida Fino Igrejas e do sr. dr. Frederico Augusto Igrejas, ilustre administrador do Banco Pinto e Soto Maior, realizou-se presidido pelo reverendo dr. Manuel Lopes da Cruz, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, o casamento de sua gentil filha D. Maria de Lourdes, com o distinto clínico sr. dr. José Carvalho de Campos, filho da sr.^a D. Tereza Carvalho de Campos e do major médico sr. dr. António da Mota Campos, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados vários trechos de música sacra, foi servido no salão de meza, um finíssimo lanche, seguindo os noivos aquém foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria Adelaide Vila Nova e Sousa, interessante filha da sr.^a D. Carlota Vila Nova e Sousa e do sr. Bernardo Augusto de Araujo e Souza, com o sr. Manoel António da Silva, filho da sr.^a D. Maria Rosa da Silva e do sr. Manoel José da Silva, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria Amélia de Azevedo e Silva e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Avelino da Silva, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos; a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação realizou-se na paróquia das Mercês, o casamento da sr.^a D. Cristina Conceição Campos, gentil filha da sr.^a D. Maria da Conceição Campos, já falecida e do sr. José Augusto Campos, com o sr. Jorge Mário Elder Sá-Chaves, filho da sr.^a D. Beatriz Elder Sá-Chaves e do sr. José Maria de Oliveira Sá-Chaves, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Berta da Conceição Campos, irmã da noiva e D. Aida Couceiro da Costa Adrião Sá-Chaves, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. Martins dos Santos, nosso colega de «Voz» e Mário Jorge Elder Sá-Chaves, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho António, foi pedida em casamento pelo sr. Jacintho Penco de Almeida, a sr.^a D. Maria Cristina Sieuve Seguier Afonso Romero, filha da sr.^a D. Clara Sieuve Seguier Afonso Romero e do sr. Aurélio da Fonseca Romero.

— Na paróquia do Sacramento realizou-se o casamento da sr.^a D. Alice da Cunha, com o sr. Alberto Almeida Lima, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria del Pilar Sanz, e D. Ricardina Roovers Ribeiro Gouveia de Freitas e de padrinhos os srs. Luiz Dias Amado e Domingos Sabido de Freitas.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do distinto engenheiro sr. Eduardo Martins, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para fóra de Lisboa, onde foram passar a lua de mel.

«D. Nuno».

AS FLORES NA DECORAÇÃO



Não há na natureza nada mais belo do que as flores. Elas são uma das suas mais delicadas obras. A frescura e a beleza estão reunidas em todas as flores que existem. Desde as mais simples flores do campo às complicadas orquídeas criadas em estufa, há beleza e encanto em todas elas.

Um campo de papoilas no princípio do verão é o que se pode ver de mais alegre. Nada há que tenha a cor de púrpura em vários tons que onde tão graciosamente ao vento ligeiro que as baloiça.

E não há alma por mais torturada que esteia, que se não sinta iluminada quando os olhos poissam nessa festa de cor.

Os tristes campos do Alentejo, que no verão têm o aspecto de queimadas, são na primavera lindos com os seus quadrados, brancos e amarelos de malmequeres, vermelhos de papoilas, numa tão grande extensão que dá a impressão do infinito.

Esta estação das flores é bela em toda a parte mas sobretudo nos países onde se faz a cultura industrial e artística. Nunca esquecerei uma primavera passada na Côte d'Azur e na Riviera Ligure.

Os festões de rosas que nessa costa maravilhosa do Mediterrâneo, se debruçam dos jardins das vilas, quasi tocando as águas azuis desse mar de safiras, os lilazes brancos e róxos em cachos pujantes exalando um aroma embriagador, os decorativos lírios e açucenas com o seu aspecto hierático de nobre flor da pureza, tornam essa privilegiada região, tão bem cuidada e tratada num verdadeiro recanto do paraizo, num ideal cenário, que deslumbra os olhos de quem sente a beleza.

Mas os grandes campos de cravos perfumados e rubros, que formam o encanto da Riviera Ligure mais áspera que a parte francesa, mas não menos bela, têm a atracção da cor e o encanto do aroma.

Uma estufa bem tratada com as verdes aven-

cas, as begónias estranhas, picada aqui e além pelas orquídeas duma delicada cor, ou dum estranho aspecto, é um dos mais artisticos espectáculos.

A flor é sempre bela e agrada sempre. Ela festeja todos os actos alegres da nossa vida. Num dia de anos enche de alegria os corações, que em oferta a trazem e aqueles que a recebem. Não se compreende uma noiva sem um ramo branco, símbolo de pureza e de viço e encanto. Numa festa de homenagem, as flôres enchem salões e palcos e é ainda na morte que elas representam a saúde e dos que ficam, por aqueles que partem para sempre, que não voltam mais e que nunca são esquecidos.

A beleza da flor alia-se, envolve a beleza humana, e é natural, que para a mulher, que tem algumas vezes, mais desenvolvido o sentido do

belo, ela seja uma companheira inseparável.

Não há mulher alguma dotada de gosto e de sensibilidade que não adore as flores, para quem um jardim não seja uma verdadeira alegria, uma festa, e nunca senti tão profundamente essa sensação como num jardim duma cidade da nossa provincia do Minho, onde uma velha senhora solteirona sem afectos, quem sabe se tendo alguma vez realizado um ligeiro sonho cor de rosa de amor, criava e cuidava o mais belo roseiral que me tem sido dado ver. A variedade das rosas, ao lado duma «Maréchal Miel», uma «Malmaison» cor de carne punha em relêvo a cor amarela da sua vizinha, as príncipe negro com as suas pétalas de veludo faziam realçar as pálidas rosas chá.

E era enternecedor ver no meio desse jardim cheio a transbordar de rosas frescas, essa velha, espalhando os tesouros de amor da sua alma sequiosa de ternura, e, radiante de sentir a admiração pelas suas maravilhosas flores que eram todo o seu carinho, flores que ela nem se atrevia a cortar, porque seria como decepar pedaços a uma pessoa viva, que se adorasse.

E compreendi-a bem, porque tenho sempre a impressão ao colher uma flor, que é uma mutilação que se faz a um ente vivo.

Mas como a maioria não pensa assim, as flores são o elemento indispensável da decoração de salões de festa

e dão uma nota de alegria na intimidade do lar. A beleza da mulher realça mais ao lado da beleza da flor e é talvez por coquetismo que a maioria das mulheres têm o delírio das flores.

A decoração floral torna as mesas um encanto e dá um ar festivo à mais simples refeição familiar, uma casa onde há na mesa flores, dá logo a impressão que tem a dirigir-la uma mulher cuidadosa e artista, que sabe fazer realçar o seu encanto feminino.

O saber dispôr as flores em jarras é um dom artistico como qualquer outro, e, senhoras há que com um pouco de verdura e uns cardos conseguem uma decoração admirável.

Mas eu creio que não há flor por mais insignificante que seja que não seja decorativa, todas elas bem aproveitadas são um elemento de beleza e uma decoração sem igual. Numa mesa bem posta, com loiças finas e artisticas, cristais transparentes e admiráveis, pratos brilhantes e bem cinzelados, as flores têm o seu lugar marcado e apezar do valor dos outros objectos e da sua pouca duração elas são ainda o principal elemento.

Uma mesa pode estar bonita sem pratos, tendo em vez de cristal, simples vidro, em vez de loiças ricas da Índia ou da China, um serviço da Vista Alegre ou de Sacavem, em vez de «napperons» de fina renda, uma alva toalha, bem lavada e engomada, mas sem flores é que não há nem pode haver uma mesa bonita.

Nas salas dá-se a mesma coisa, por mais rica que uma mobília seja se não tiver uma jarra com flores essa sala tem o ar desabitado duma sala de ministério.

A flor trai à mão da mulher, dá a nota da intimidade do lar. A flor é sem dúvida a poesia da vida, a oferta máxima da natureza.

E o homem compreende-o tão bem que nas igrejas, nos santuários em toda a parte em que a sua alma se eleva a Deus pondo-o em comunicação com o seu Criador, as flores têm o primeiro lugar. Essa oferta que Deus fez à humanidade, ela põe-a toda nos altares onde o venera. É melhor tributo se não pode render àquele que criou toda a beleza do universo.

Maria de Eça.





em que tudo se imprime, estão num contacto continuo com a mais degradante imoralidade e ao alcance dos seus ataques.

Há bairros como o das Minhocas e como esses bairros da terra, onde se passam cenas de apavorar em que criaturas, que o crime perverteu cometem verdadeiras atrocidades, arrastando para a senda do vicio e do crime almas tenras que bem orientadas seriam seraldures úteis para o seu país.

Que mais bela obra pode haver para corações de mulher do que atender a essas crianças, do que fazer tudo para as tirar dessa miséria atroz física e moral?

Eis aqui uma obra muito interessante a tentar: a protecção à infância, ao futuro da raça, que seria assim unificada as probabilidades de ter uma população moral, que soubesse compreender os seus deveres e a sua missão na vida.

A infância seja em que classe social for inspira a maior ternura e o maior interesse, mas a criança que sofre, que é vítima da sua situação no mundo, essa inspira mais do que ternura, verdadeira compaixão por tão grande sofrimento, numa idade em que a vida devia ser só sorrisos e flores.

Maria de Eça.

A moda

CADA vez mais accentuada fresca e juvenil, a moda está encantadora e traz revolucionadas as mulheres que gostam de vestir com gosto e elegância.

O vestir bem não consiste só em comprar coisas boas e caras, está especialmente no saber escolher aquilo que faz realçar a beleza e atenuar os defeitos.

Cada senhora deve ter a arte de vestir segundo o seu físico, evitar as cores que a prejudicam e escolher aquilo que a favorece e a rejuvenesce. É um erro pensar que as cores é que dão a juventude. O saber escolhê-las é que muitas vezes a dá e é essa arte que a mulher deve estudar.

Como modas damas hoje às nossas leitoras vários modelos, que as devem satisfazer e ajudar a escolher as suas «toilettes» para esta estação de casinos e de diversões.

Em primeiro lugar um vestido de noiva, que é sempre esperado com entusiasmo pelas senhoras que estão para casar. Em pesado setim é dum corte clássico. Este setim não é completamente branco, mas sim dum tom rosado de pérola, que favorece muito mais dando um parecer muito melhor. A saia do vestido toca no chão toda em volta. A cauda vai da cintura em tiras de setim e «chiffon». O corpo do vestido sai em fransidos dum «emplicment em «peridinko» um



PÁGINA FEMININAS

borlado moderno, que guarnee também os punhos.

O véu sai dum corão de setim entrançado e também o tule não é completamente branco, mas dum leveíssimo tom rosado. É uma novidade muito interessante e que vai causar a alegria das noivas a quem o branco não fica bem.

Para a noite dois vestidos em «crepe de Chine imprimé». Um fundo claro todo florido de flores várias. O corpo fransido em volta do pescoço e as mangas longas curtas são terminadas em punhos fransidos. É dum aspecto muito juvenil e gracioso.

O outro fundo preto florido de vistosas tulipas é também dum feitio moderníssimo e muito bonito. O casaco até à cintura é o complemento desta «toilette» elegantíssima.

Para a tarde uma linda «toilette» em preto e branco. A gola em «organdi» é terminada por um gracioso «rahat» destes que a moda tornou quasi indispensáveis nas «toilettes» pretas.

O chapéu formado por uma corpa de palha



guarneeada com uma tira em peninhas vê a sua monotonia quebrada por uma longa pena e, um véu em preto, que forma a mais leve e graciosa garnição.

O calçado é uma coisa que merece sempre a maior atenção à mulher portuguesa, que é uma das mais bem calçadas da Europa. No calçado a moda fez uma verdadeira revolução. Estão absolutamente fora de moda os sapatos de tacão alto.

Os tacões têm agora uma altura regular e base bastante para suportar o peso do corpo. Damos hoje três modelos, um de sapatos de desporto em crocodilo, os outros em camurça e pelica, azul escura ou castanha, são guarneecidos com uma fivela em metal. Os outros em «cafi» são pespontados e uns sapatos muito práticos para qualquer uso de manhã ou de tarde com um vestido simples.

É muito para apreciar esta modificação no calçado que nos permite o uso dum calçado cómodo e prático o que contribue também para a elegância evitando a incerteza do andar.

Higiene e beleza

HÁ muitas senhoras que se queixam de ter a pele seca. As peles secas são em geral mais bonitas, que as gordurosas, mas também muito mais delicadas, que essas e, é preciso muito cuidado com as rugas que se formam nelas com muito mais facilidade do que na pele oleosa.

Deve lavar-se a cara em água fria ou ligeiramente tépida, em seguida aplicar um bom creme gordão, e, massajar cuidadosa e levemente a cara de baixo para cima para introduzir o creme nos poros que são em geral fechados, em seguida applica-se o pó e o «rouge» e de novo o pó.

A noite para tirar a «maquillage» deve empregar óleo de amêndoas doces embebido num algodão e, querendo lavar em seguida a cara. É conveniente à noite massajar de novo com um bocadinho de creme.

A senhora que tem a pele seca nunca se deve expor ao sol sem ter protegido a sua pele com creme.

Receitas de cozinha

Ervilhas à francesa. — Numa caçarola de tamanho médio, deita-se um litro de ervilhas (deve dessecar-se à última hora), 125 gramas de manteiga, 10 gramas de sal, 20 gramas de açúcar, 12 cebolinhas, um ramo de salsa, 2 raminhos de cerefólio, e bastante alface que seja tenra, mexe-se tudo para ligar bem; cobre-se e deixa-se ao ar durante uma hora.

Na ocasião de se porem as ervilhas a cozer, deitam-se-lhe 4 colheres de água fria (é inútil deitar-lhe mais água, pois a esta junta-se a das próprias ervilhas).

Logo que comece a ferver tapa-se a caçarola com um prato côncavo contendo um pouco de água.

Deve cozer fortemente durante 80 a 85 minutos. Terminada a sua cozedura, faz-se diminuir rapidamente a calda que sobrou, retiram-se-lhe os ramos de cheiro, ligam-se às ervilhas 40 a 50 gramas de manteiga, fora do lume; deitam-se num prato os legumes, disposto por cima folhas de alface.

A arte em casa

COMO é fácil à mulher económica e arranjada ter com pouca despesa uma casinha confortável e agradável à vista. Não é o luxo que torna as casas atraentes, mas sim a graça e a nota de



personalidade que a mulher habilidosa lhe pode dar.

Não são precisas mobílias ricas nem damascos e sedas para uma casa ser graciosa e apurada, basta que tenha primeiro que tudo, um irreprezível acio e em seguida a graça que se consegue com umas cadeiras cômodas, com uns cretones alegres, com umas cortinas bem colocadas, emfim com o trabalho, que marca a mão feminina.

Essas casas assim dispostas, são muito vez mais agradáveis à vista e mais cômodas para nelas se viver, do que aquelas que representam um grande luxo, mas não tem esse ar de intimidade, que tem a casa arranjada não pelo estofador, mas por aquela que deve ser a alma do lar.

A mulher e a pintura

ESTÁ-se fazendo uma verdadeira campanha contra o excesso de pintura e abuso de «maquillage» da mulher moderna. Efectivamente a mulher de hoje exagera dum forma um pouco ridícula os seus cuidados com a beleza. Está bem que se ponha um pouco de «rouge» que se avivem ligeiramente os lábios com «khaton», mas o excesso dá sempre um resultado contrário e a beleza fica muitas vezes comprometida em vez de ser aumentada.

A arte da mulher está em dar à «maquillage» um aspecto natural que a rejuvenesca e não enfezecer-se com um excesso de pintura, que a faz parecer mais idade e não a embeleza.

Nas unhas deve haver o maior cuidado com as pinturas, o vermelho lacre é do peor gosto, assim como qualquer verniz que dê às unhas um aspecto artificial. A naturalidade cuidada, que dá à mulher um aspecto de gosto esmerado é o bastante.

O segredo profissional

UM marido terá o direito de abrir as cartas de sua mulher caso esta lhe tenha pedido para o não fazer e será fácil obter o divórcio por esse motivo?

Foi este o motivo dum processo que foi julgado no tribunal, Madame Robert doutora em medicina, pedira a seu marido que não é médico, que não abrisse a sua correspondência, dizendo-lhe que se o fizesse violaria o segredo profissional.

O marido persistiu em abrir as cartas da esposa e esta recorreu a um meio de defesa, triste e mau mas seguro, — o divórcio. O tribunal concedeu-lhe com a maior brevidade esse meio de se livrar de indiscreções incompatíveis com a situação dum mulher, que exerce profissão e uma tão delicada profissão, como é a de médica, que deve segundo o juiz ser respeitada, mesmo pelo marido, que não tem o direito de penetrar no dominio exclusivo da medicina.

É fatal tudo estava numa questão de falta de educação da parte do marido.

As mulheres de Berlim

É interessante saber-se que em Berlim ha uma brigada de policia, que defende as mulheres, dos admiradores importunos, que as incomodam com os seus galanteios.

No estrangeiro e na Alemanha provincialia, ha a ideia que a mulher de Berlim é leveia e facil em corresponder à corte que lhe fazem, mas não é justa essa ideia.

Na época da grande inflação monetária houve talvez da parte das mulheres de Berlim, uma attitude que as privações se não justificavam, pelo menos desculpavam.

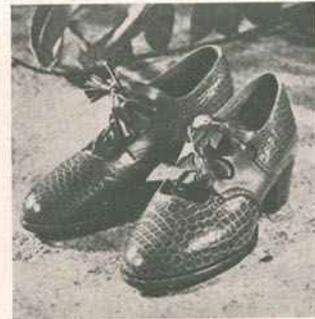
Mas nesse momento havia também um grande numero de estrangeiras, que os turistas supunham alemãs e berlinesas, que muito contribuíram para esse mau conceito em que a berlinese era tida.

A mulher de Berlim como quasi toda a mulher que trabalha é independente e quer ir para toda a parte, sem ser incommodada. Por isso a policia de Berlim lhe garante o seu socego.

De mulher para mulher

Anita: É muito natural que tenha essa profunda ternura pelo seu gato, visto não ter com quem repartir o afecto que transbordou do seu coração, mas porque é que não dedica essa amizade antes a uma criança a quem protegesse e de quem com a fortuna que possui pudesse fazer a felicidade? Ha tanto quem precise de afecto e de protecção. E mais cómodo o gato, mais concorde que é egoismo.

Apaisada: Não mostre demasiadamente a



sua paixão, os homens cansam-se das mulheres que os adoram, preferem sempre as que os deixam na incerteza do seu affecto. Para vestido de viagem um tailleur em «tweed» cinzento ou bege.

Aida: Não creio que tenha grande dificuldade em conseguir o seu desejo se tem os dotes que diz, mas pense bem antes de se resolver. A vida de artista de cinema é muito trabalhosa, não é o continuado divertimento que supõe. E é preciso ser muito fotogénica e ter uma grande resistência física.

Pensamentos

Ha muita viuva, que enquanto chora e se arreple vai fazendo as contas do que tem de herdar.

Nunca devemos ter confiança naquelles que são devoradores de gente.

Entre os nossos inimigos os piores são muitas vezes aqueles que reputamos mais pequenos e insignificantes.

De todo o desconhecido, desconfia aquela que da sabedoria tem recebido lições.

O ouro pode dividir-se, mas não a lisonja. O maior orador, ainda que fosse um anjo, não contentaria num mesmo discurso, duas mulheres belas, dois actores, nem mesmo dois santos.

O que não inventa uma lingua pérfida, quando possui a pernicioso habilidade da maledicência.

Todos creem facilmente o que temem e o que desejam.

A desconfiança é um grande defeito, quando excessiva mas é a mãe da sua segurança na maioria dos casos da vida.

É preciso não acreditarmos naquelles que sempre concordam connosco, muitas vezes pensam o contrário.

(La Fontaine).

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 52

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

FINO DEL

N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA

N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, Maria Luíza; n.º 4, Euristo.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 16 pontos

Alfa-Rómeo, Frá-Diávollo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Capitão Terror, Silva Lima.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 14. — Salustiano, 13. — Rei Luso, 13. — Só-Na-Fer, 12. — Só Lemos, 12. — Sonhador, 12. — João Tavares Pereira, 12. — Lamas & Silva, 10. — Salustiano, 10. — Elsa, 9.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 6. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Mel-roa-mérola. 2 — Alar-largar-alargar. 3 — Are-rejo-arejo. 4 — Pancada. 5 — Maisquerer. 6 — Morato. 7 — Chorador. 8 — Montante-monte. 9 — Cãveira-cara. 10 — Ivo (IV) (quatro) 0 (nada). 11 — Papa-o-ão. 12 — Aba-bate-abate. 13 — Amov-mover-amover. 14 — Solvido. 15 — Nana. 16 — Grande aparato e pequeno recato.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

- 1) O *pacóvio* não tem a *cabeça* do *toló*. — (2-2) 3. Lisboa *Elsa*
- 2) Com que *direito* toca aquela «mulher» um instrumento que parece uma *espécie de alaúde*? 2-2 (3). Leiria *Magnate (L. A. C.)*
- 3) Os *ornatos* dão a ilusão de que se *fica* num *parque*! (2-2) 3. Lisboa *Ulsi Ráfer*

NOVÍSSIMAS

- 4) Então o «*senhor*» agora pretende que a *minha «mulher»* seja sua *namorada*? 2-2. Lisboa *Capitão Terror*
- 5) «*Entre*», meu *pai*, que aqui o meu *íntimo amigo* dá licença. 1-2. Leiria *Magnate (L. A. C.)*
- 6) Ao que *sustenta* que se deve ter *compaixão* de quem é fraco charadista eu respondo: *muito bem*! 3-1. Luanda *Ti-Beado*

SINOPADAS

- 7) Naquela *ladeira* dei um *tombo*. 3-2. Luanda *Dr. Siscasar*
- 8) É muito «*triste*» não ter *merecimento*! 3-2. Lisboa *Filho d'Algo*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 61

9) Quem *anda continuamente pelas ruas* é um *pelintra*. 3-2. Luanda *Ti-Beado*

10) A *alocução* do «*comandante*» animou as *tropas*. 3-2. Lisboa *Vidalegre*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

(Ao abalizado confrade José Tavares)

- 11) — Ela é a *senhora*, Grande educadora. É o *preceptor*, Bom administrador. Aumentando *terão* Um bonito *gavão*. Luanda *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

- 12) *Pequena coisa* bastou — 2-7-9-1 Para fazê-lo zangar; Num *sarrafo* então pegou — 8-5-2-7 Para o rapaz castigar; Mas *junto* ao local passava — 1-2-7-4 Um frade bento, a rezar, Que da *diocese* voltava — 9-10-6-1 E o rapaz foi libertar. A *correr muito* o rapaz — 4-3-5-8 Diz logo ao frade, a chorar: * — A *sua família* é paz, — 9-10-3-9 me está Deus a *segredar* — *. Lisboa *Stop (G. dos Verdes)*

MEFISTOFÉLICA

- 13) O coração da mulher É um *cofre* tentador Que só abre quem tiver A chave forte do amor. É «*alvo*» constantemente De chaves mil, mas em suma Sorri sempre docemente, E nunca cede a nenhuma. O seu *segrêdo* termina No dia em que o deus Cupido O desvenda com a sina De lhe arranjar um marido... — (2-2) 3 Lisboa *Mad Ira*

NOVÍSSIMAS

- 14) Dez anos já passaram! Ai como o tempo voa! Recordo quanto os olhos meus choraram... E no meu peito ecoa

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO



Ainda tristemente O teu choroso adeus à despedida!... E o tempo passa, Inclemente,

E morre aquele *encantador* — 2 Enlêvo...

Amor... Amor...

Cada dia em que te escrevo

Mais vou sentindo

Que a vida vai fugindo...

Viver assim distante *para* quê? — 1

O coração fenece se não vê

Sua vida e sua esperança!

Mas o peito já se cansa

De esperar...

E o teu rosto,

Que só me é dado ver quando a sonhar,

É meu *desgosto*,

Que à cova me há-de levar... Lisboa *Elsa*

CONSUMMATUM EST!

(Em Sexta-feira de Paixão)

«A Comissão dos Treze é de opinião que o assunto da paz com a Etiópia ainda não está maduro».

(Dos jornais)

15) Que servem abundantes comissões, E mesmo a própria «Liga» genebrina?! Se uma querela surge entre nações, Se alguma a outra *ofende* ou há «chacina», — 2

«*Onde*» tem força p'ra aplicar sanções? — 1 Confia na francesa ou na londrina? Livrou o Chaco e a China de agressões? E a Etiópia, que a Itália extermina?

Exausto, esp'rando a paz que não alcança, Olhando o Céu, o Negus diz: «Senhor»! «Em vão eu pus em vós a minha esp'rança!

«Não mereço, talvez, o vosso amor...

Mas a mulher imbele e a criança

«*Que culpa* têm oh! Cristo! oh! Redentor?!»

Lisboa *Sileno*

CONTRADIÇÕES...

(A *Mad Ira*, com as desculpas de principiante)

16) Para brincar te escrevi, Pensando assim te afastar. Julgo, até, que me sorri Muita vez, p'ra não chorar!

Na ânsia de te não querer, Fui pensando sempre em ti... Receando me prender, Mais depressa me prendi...

Peço a Deus p'ra te esquecer. — 1 Passo o tempo a procurar A maneira de te ver, — 1 De te ouvir, de te falar...

Troço dêste sentimento, E é tão grande o meu sofrer! Não me queixo nem lamento... Sem ti não posso viver!

E chego até a pensar: Como se deu tal encanto? Poi se eu *não* queria amar... Ou foi bruxedo... ou quebranto... Lisboa *Yzinha*

SINOPADAS

17) Ó *mar alto*, ó *mar alto*, Ó *mar alto* tentador, Trazes-me num sobressalto Dês que partiu meu amor. — 3-2 Coimbra *José Tavares*

18) Dá lugar a *fumarada* Que não se veja um só naco Nem possa ser atacada Pelo lado do *buraco*. — 3-2 Tomar *Mar Said*

19) Após ano *fatigante* Vou a férias, talvez saia, Descansar um breve instante Nas delícias de uma *praia*. — 3-2 Lisboa *Vina*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A gente anda muito tempo sem ter uma ideia que preste. Só coisas vulgares que lembram a qualquer e que nada oferecem de interessante nos encham o cérebro, que em vão procura afastar-se da já visto e conhecido.

E' que nem todos os momentos de locubração intelectual são assistidos pela inspiração e debatêmo-nos quasi sempre desesperadamente, entre a vontade de produzir uma obra que fique assinalando a nossa passagem, em qualquer forma de arte ou de ciência, e a impossibilidade de vencer a nossa preguiça mental.

Mas, de repente, tal como se um raio de sol atravessasse a atmosfera pesada de tormenta e alegrasse a natureza cinzenta de mágua, nós sentimos que uma ideia feliz trespassa as trevas do nosso entendimento, e eis-nos em plena inspiração, podendo, em fim, atingir o nosso fito há tanto almejado sem conseguirmos tocá-lo.

O *Diário de Lisboa*, que já tem tido belas iniciativas, apresentou ultimamente uma ideia maravilhosa, que não só veio proteger uma indústria do país, por muitos títulos digna de ser louvada, mas também enriquecer o nosso cancioneiro popular, dando ainda ensejo a que novos poetas se revelassem e outros continuassem afirmando o seu valor.

Realmente, êsse concurso de *Canções da uva e do vinho* foi qualquer coisa de muito belo e com surpreendentes resultados.

Numa época, como esta que atravessamos, cheia de egoísmo, fechando-se todos os ouvidos a tudo que não seja a propaganda do interesse pessoal, é digno dos maiores elogios êsse movimento levantado pelo acreditado periódico lisboeta, e que tão calorosa acolhida teve por parte do público, que se interessou a valer pelo curioso e útil certame.

E não se pode dizer que a justiça andasse arredia dos juizes chamados a escolher, de entre tantas lindas canções, as mais lindas.

Os prêmios foram muito bem ganhos.

A primeira e a segunda têm um sabor popular delicioso e não são isentas de um certo lirismo, que é pecha muito nossa, e ainda bem, porque assim podemos enfeitar a crueza da vida com as côres tiradas do nosso próprio coração.

Cada cepa dá um cacho,
Cada cacho dá um gosto.
Olha tanto gosto junto
A ferver dentro do mosto!

O vinho é fogueite
Que espirra no ar,
Que dá estalinhos,
Que torna a estalar.

Vejam que frescura de ritmo e que riqueza de ideias.

E esta quadra da *Canção das cepas*,

como representa bem o feito romântico da nossa raça:

Cepa torta, torcidinha,
Ninguém por torta te engeita;
Que importa que sejas torta,
Se me dás vida direita.

Hip! hip! hurrah! Portugal, for ever!

E todos os concorrentes, mesmo aquêles que não tiveram prêmios, deram nos seus versos um pouco da sentimentalidade da alma portuguesa.

Eu também escrevi umas quadrazinhas, que fôram classificadas em mérito literário.



rio, o que muito me lisonjeou, pela certeza que tenho de que nada faço que mereça prêmio.

E vou deixar aqui registada a minha canção, para provar, mais uma vez, que sempre me interessei por tudo que sirva beneficiar as nossas indústrias:

Vem comigo, olá pequena,
Ensina-me o meu caminho:
Eu já vi "catar" a vinha,
Quero ver pisar o vinho.

Vamos lá cantar louvores
A um cacho de moscatel,
Se já bebeste da cêpa
Que sabe a beijos e a mel.

Picar um baguinho d'uva
Vi um dia um passarinho,
E o seu canto era mais doce
Quando buscava o seu ninho!

O vinho embeleza a vida,
Faz sonhar e sabe bem.
Quem tem vinho e sol em casa
Não sabe a sorte que tem!

E agora, rapazes, é fazer honra aos nossos vinhos, é não deixar que os es-

trangeiros os saibam apreciar melhor do que nós.

Não temam a censura. Beber, sabendo beber, não fica mal a ninguém.

Já lá vai o tempo em que um sujeito que entrava numa casa onde se serviam bebidas era apontado a dedo como um malfeitor.

Não se aconselha o operário a gastar a sua fêria na taberna, nem os felizes da fortuna a beber até cair, ingurgitando vinhos e licores. Não é o exagero que se

pretende insinuar nos ânimos, mas o preciso consumo para equilibrar as forças e alegrar a vida.

Um copo de vinho á refeição abre o apetite e ajuda a digestão a fazer-se.

O vinho do Porto, então, é um tônico delicioso e que nunca falha. Vale mais do que todas as especialidades farmacêuticas. Mas não é beber até ficar descomposto.

Esse abuso é até um insulto ao vinho, que deve aspirar-se como um perfume raro, e sorver-se como um nectar, devagar e delectadamente, sem cair na embriaguez dos sentidos.

Não façam como um certo sujeito, que ao ser posto fóra dum carro eléctrico, por estar bêbedo como um cacho, se desculpou, apontando um letreiro: — Que fiz eu de mal? Não vê o que ali diz: "Bebam vinho". E eu bebi vinho. Ora aí está!

Pois sim. Mas beber vinho não é emborcá-lo como se fôssemos uma pipa.

"Bebam vinho" quer dizer: próvem dêsse maná celestial que corre das nossas videirinhas, das nossas cêpas tortas e velhinhas, que não se cansam de viver; bebam com conta pêso e medida, e não percam a lucidez de espírito, para enquanto bebem poderem erguer, em seus corações louvores ao Criador que deu á nossa amada pátria um solo fértil que todo êle se desentranha em frutos saborosos e em flores coloridas, e tão ricas em perfume, que nada tem que invejar a nenhuma outra terra do mundo inteiro.

Recebâmos o vinho como um amigo muito querido que quer ajudar-nos a levar a nossa cruz, com elegância, sem tombo; que vem matizar de sorrisos a nossa existência dar-nos um arzinho prazenteiro, sem cair no esgar grotesco que enjoa e entristece.

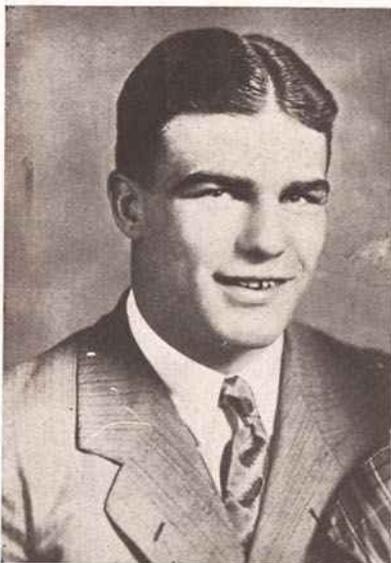
Não ofendâmos êsse amigo, tornando-o ridículo e antipático.

A audição das *Canções da uva e do vinho* dada pela Emissora, foi um verdadeiro encanto para todos os bons patriotas.

Ouvir louvar, em tão inspirada música e em tão sugestivas palavras, o precioso sumo das nossas cêpas, até dá vontade de terger um copo, mesmo ao mais abstémio, e gritar:

"A Portugal! Ao seu solo abençoado!
¡Hip, hip, hurrah!"

Mercedes Blasco.



Max Schmeling, o vencedor do mundial em Berlim que acaba de realizar-se nos Estados Unidos

crédito movidas por interesses políticos ou nacionalistas, o

ideal desportivo integrado na organização olímpica acabou por triunfar integralmente e nenhuma das abstenções anunciadas se verificará; todos os países do universo enviarão à Alemanha representantes seus.

Portugal também lá irá; existe, infelizmente, no espírito público um pessimismo vizinho da descrença que considera sem interesse a nossa participação olímpica porque o valor dos seleccionados não permite esperanças de vitória.

Precisamos de combater por todos os meios sobretudo pela persuasão, esta opinião defetista, E' vantajoso ter consciência das próprias possibilidades, mas nunca se deve aceitar como antecipadamente assegurada a derrota absoluta.

A secção desportiva da "Ilustração" apresenta-se nesta quinzena festivamente engalanada. O caso não é para menos: desapareceu da Avenida da Liberdade aquele monstro agressivo alchunado de discóbulo.

Manifestámos, desde o dia da sua apresentação no átrio da Câmara Municipal, o desagrado que devia merecer a instalação numa artéria da cidade, dum obra de escultura que nem técnica nem esteticamente tinha predicados a recomendá-la. A sua presença na Avenida simbolisava, aos olhos de quantos estrangeiros nos visitaram, a ignorância dos nossos artistas em matéria desportiva ou a classe rudimentar do nosso atletismo nacional.

Aquele gigante mal encarado, que ameaçava os transeuntes com uma pedreira, foi agora apeado do seu pedestal e levado para destino menos glorioso. Bem haja a vereação da Câmara de Lisboa por tão inteligente decisão.

Informaram, contudo, os jornais, que o discóbulo vai ser instalado num jardim público. Embora achassemos muito mais acertada a sua fundição, alvitramos um lugar que se nos afigura o mais adequado aos seus méritos: o parque dos ursos, no Jardim Zoológico das Lorangeiras!

Estamos a um mês dos Jogos Olímpicos, que vão reunir em Berlim a mais extraordinária falange dos desportistas especializados até hoje vista no mundo.

Depois das diversas campanhas de des-

A lei olímpica tem, de resto, um alcance muito mais nobre e moral; se os louros são para o vencedor, a honra é compartilhada igualmente por quantos comparecerem a lutar com lealdade e brio; a presença nos jogos é a obrigação estatutária de todas as nações filiadas na Internacional Olímpica.

Ocupando-se dedicadamente da deslocação a Berlim dum equipa portuguesa o mais numerosa possível, dentro dos recursos do meio nacional, o Comité



Joe Louis, cujo «knock out» transformou todas as previsões

A QUINZENA DESPORTIVA

Olímpico é credor de unânimes aplausos e é obrigação de toda a gente facilitar-lhe a missão criando ambiente propício e envolvendo os escolhidos numa atmosfera de apreço e entusiasmo, que traduza confiança e eles interpretem como estímulo.

Não foram ainda dados ao conhecimento público quais os desportistas em cujas competições tomaremos parte; não é, porém, arriscado prever a seleção dos esgrimistas, cuja equipa foi já formada pela respectiva federação e tem sido sujeita a um rigoroso treino preparatório, dos cavaleiros cujas tradições equivalem a um termo de responsabilidade, e dos atiradores que há quatro anos vêm seguindo um meticuloso plano de trabalho afirmando progressos constantes e alcançando resultados comparáveis aos melhores do mundo. Depois destas três modalidades, que consideramos em grupo à parte e nas quais é de presumir classificação honrosa, parece ainda assente a inscrição nas provas de vela, onde não faltam conhecimentos aos nossos amadores, em atletismo e talvez, natação.

O nadador a deslocar seria o especialista de brucos Silva Marques, que em provas recentes conseguiu melhorar o seu record nacional, descendo o tempo dos duzentos metros para 2^m 57^s, valor de classe internacional, pois muitos países europeus, a Itália, a Inglaterra, etc., não possuem homens que percorram a distância em menos de 3 minutos. A seleção de Silva Marques seria aplaudida por todos os elementos interessados, não só pelo mérito absoluto dos seus feitos como ainda porque representa a compensação justíssima dum desportista amador que consagra à sua especialidade um trabalho persistente, não evitando sacrifícios apesar dum vida profissional fatigantíssima e deprimente.

O problema do atletismo é diferente; em princípio não existe em Portugal um atleta com classe olímpica, mas a inscrição nas provas de atletismo é quasi um ponto de honra para todas as nações concorrentes. Assim, mandaremos a Berlim o que de menos mau houver, sendo muito criteriosa a escolha do Comité Olímpico propondo à Federação o apuramento de dois corredores de Maratona, aos quais possivelmente, se juntará um especialista da velocidade, se os próximos campeonatos regionais indicarem algum homem em forma.

Terminou a época lisboeta de Handball, que poucas saúdes nos deixa; não pelo seu valor técnico, pois se verificou acentuado progresso e considerável expansão, mas porque a segunda metade dos torneios oficiais deu origem a sucessivas questões e protestos, nas quais o clubismo e a política exerceram maior influência do que o direito e a razão.

Resumindo a impressão geral dos meses de actividade podemos conceder votos de louvôr aos praticantes, uma censura e moção de desconfiança aos dirigentes da modalidade, sobretudo dentro dos clubs.

Novamente o Sporting foi o grande triunfador, ganhando o torneio de Preparação, as duas categorias no campeonato e ambos os torneios do Club Alemão; a sua primeira categoria apenas foi vencida durante a época duas vezes, pelo Académico com absoluto merecimento e pelo Carcavelinhos num jogo irregular; é curioso notar que qualquer destes grupos obteve má classificação na prova.

Em seguida aos "leões", merece citação de realce o Grupo Desportivo "Os Treze", cuja equipa foi o constante pesadelo dos campeões, dando provas dum classe de jogo tão aproximada que não repugna equiparar-las à cabeça dos agrupamentos praticantes.

A última jornada da época, reservada aos encontros finais da competição organizada pelo Club Alemão, serviu excelentemente a propaganda da modalidade decorrendo perante numerosa assistência e valorizada pelas belas exibições dos quatro grupos finalistas.

Verifica-se, de ano para ano, o incremento adquirido pelo Handball, que é já actualmente no país o terceiro dos jogos mais divulgados. As suas características técnicas, simples e emotivas, o valor atlético da sua prática, a vivacidade de fases a que dá lugar, asseguram-lhe a estima indispensável do público. Oxalá a pequenez dos facciosos, que dão largas ao vicio a coberto dum anunciado desinteresse que os actos a cada passo desmentem, não consiga destruir a obra dos melhor intencionados.

O mundo inteiro viveu três dias na expectativa do destino reservado pelo pugilista negro americano Joe Louis ao alemão Schmeling, considerado pela cri-

tica universal como a vítima oferecida aos punhos do demolidor. Para toda a gente, nos Estados Unidos ou na Europa — excepção feita à Alemanha — o problema resumia-se a saber quantos assaltos resistiria o branco ao preto.

Afinal o branco tanto resistiu que deitou a terra o favorito, alcançando a maior vitória surpresa do box contemporâneo. Abatido ao 12.º "round", Joe Louis estava virtualmente derrotado desde o 3.º assalto, a partir do momento em que um forte sôco do alemão o atingiu na ponta do queixo. Assim como o idolo babilónico tinha pés de barro, o colosso americano tinha o queixo da fragilidade do vidro. Ninguém sabia este pormenor por que, em todos os combates disputados até à data ainda não fôra tocado nesse ponto melindroso.

O prestígio de Joe era tão grande, aureolado pelo resultado de todos os seus anteriores combates terminados sempre antes do limite estabelecido, que os seus adversários perdiam perante ele parte dos seus recursos. Impressionados, receosos da força do pugilista, procuravam a todo o transe defender-se, omitindo a preocupação do ataque.

Schmeling, porém, não teve medo; subiu ao "ring" para vencer, e não para resistir. Lançando-se, sempre que a ocasião era favorável, na ofensiva encontrou o ponto fraco desconhecido e demonstrou quão frágil é o critério dos prognosticadores.

Indirectamente, a vitória de Schmeling corresponde a um triunfo para o desporto alemão. A energia moral com que subiu ao rectângulo era resultante da fé,



O discóbulo da ofensa da Liberdade, que acaba de ser removido da avenida, por Louro-Jardim camararia e vai ser colocado num jardim publico

do entusiasmo que os dirigentes de desporto germânico souberam inculcar na mocidade do seu país. Nada é impossível a um povo que sabe querer, tal é a moralidade a tirar do êxito alcançado pelo representante da raça alemã, cujos chefes souberam aproveitar as virtudes criadoras e ressurgidoras da prática desportiva oficialmente patrocinada.

É a Schmeling, portanto, que cabe enfrentar Braddock para a disputa do campeonato do mundo, e as probabilidades parecem ser todas a favor do vencedor de Joe Louis, a menos que as previsões tornem a falhar.

Salazar Carreira.



o equipa do "Grupo Desportivo Os Treze", um dos finalistas do torneio de Handball do Club Alemão

UM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 2.
Copas — A, 8, 6.
Ouros — R, 9.
Paus — 5, 2.

Espadas — 6. **N** Espadas — D, 3.
Copas — V, 9, 5. **O** Copas — R, 7.
Ouros — ———. **E** Ouros — V, 6, 3, 2.
Paus — D, V, 6, 4. **S** Paus — ———.

Espadas — R, V, 5.
Copas — 4.
Ouros — ———.
Paus — R, 9, 8, 3.

Trunfo é espadas S joga e faz sete vasas.

(Solução do número anterior)

S joga a Dama de paus, O, o Rei de paus, N, o 6 de ouros, N, joga o 9 de espadas e S a Dama de espadas.

S joga o 8 de espadas, O joga o 10 de espadas, N, o Rei de ouros e depois o 8 de ouros, colocando E na colisão de ter de se baldar a paus ou espadas firmes ou a perder a defeza em copas.

S entra de Valete de ouros e O joga o 9 de ouros.

S dirige o jogo consoante a balda de E e faz com N tôdas as vasas.

Se O não entra de Rei de paus, N balda-se a 4 de copas.

S joga o 8 de paus e o jogo segue como anteriormente sendo indiferente que O não entre com o 10 de espadas sobre o 8 de paus de S.

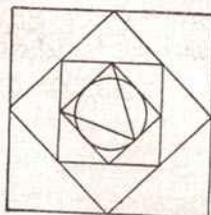
Xadrez

(Solução)

1. T — 1 R, ad lib.;
2. Mata com D, + T + ou B. +

Desenho a traço contínuo

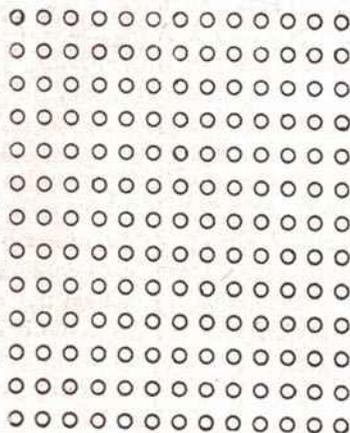
(Passatempo)



Outra figura ainda para ser desenhada a traço contínuo sem cruzar linhas nem passar duas vezes pela mesma.

O quadrado de tentos

(Problema)



Tomem-se 169 tentos e disponham-se sobre uma banca em 13 filas de 13 tentos cada uma. Se os tentos forem colocados a distâncias precisamente rigorosas uns dos outros, ficará formado um quadrado perfeito. O nosso problema consiste agora em dividir este quadrado no menor número possível de quadrados de tamanho maior ou menor de maneira que nem todos contenham o mesmo número de tentos. Qual será esse menor número de quadrados em que se pode dividir o primeiro?

Fatalidade

A morte prematura e desgraçada que tiveram muitos escritores da antiguidade é sumamente notável: Ménandro morreu afogado no Pireu; Eurípedes e Heráclito foram despedaçados por uma matilha de cães; Empedocles precipitou-se na cratera do Etna; Hesíodo acabou a vida às mãos de um assassino; Arquíloco e Íbico foram mortos por um bando de salteadores; a célebre Sappho despeñhou-se dum rocha; Esquiles foi morto por uma tartaruga despedida das garras de uma ave de rapina; Anacreonte (ainda que não foi o único no género) levou-o uma tremenda borraqueira; Cratino e Terêncio acabaram em um naufrágio; Séneca foi condenado à morte por um tirano; Sócrates e Demóstenes foram envenenados; Cícero morreu degolado.

Origem do violino

O violino parece descender de um instrumento chamado *bruth*, usado antigamente no país de Gales, na Escócia e na América e que vem mencionado sob o nome latino de *chrotta* nas obras do poeta Fortunato, aí pelo ano 609 da nossa era.

No século XIII este instrumento formava uma família bastante numerosa, dividida em duas grandes secções, a das rabecas e das violas.

Por meio de certas modifica-

O desafio

Certo oficial superior de um exército estrangeiro foi desafiado por um cavalheiro do seu país, que era senhor de muitos bens, e respondeu ao cartel pouco mais ou menos nos seguintes termos:

«Nenhum desafio deve ter lugar senão com armas iguais e com tôdas as mais circunstâncias iguais. Quanto à escolha das armas, nenhuma dúvida oferece; porém, as circunstâncias são entre nós muito diversas. Eu tenho mulher e cinco filhos que todos comem bem e vivem unicamente do meu soldo; vós não tendes família e possuis uma opulenta herança. Portanto, para se efectuar o nosso desafio, é necessário ajustar seguramente uma condição preliminar. Se eu succumbir, o meu provocador ficará obrigado a pagar de futuro, à minha família, o meu soldo, como pensão. Se estiver por isto, eu marcarei o dia e a hora».

Esta resposta deu lugar a sérias reflexões, e o provocador resolveu-se a ir abraçar, como amigo, o seu adversário.

No Museu Britânico de Londres, existe uma carta de amor gravada num tijolo. É uma proposta de casamento a uma princesa egípcia, e tem 3.500 anos.

ções na construção de uma dessas violas, um fabricante desconhecido do século XV, produziu o violino moderno.

Ignora-se em que país este instrumento foi empregado pela primeira vez, posto que alguns autores afirmam ter sido em França.

Poucos anos depois aparecia na Itália o contrabaixo e o violoncello.



— Lembro-me muito bem de quando nasceste. Foi até numa segunda-feira.
— Não podia ter sido uma segunda-feira, avôzinho, porque eu às segundas-feiras tenho lição de dança!

(Do «Punch».)

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR - DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074



Venda em todas as Pharmacias.

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

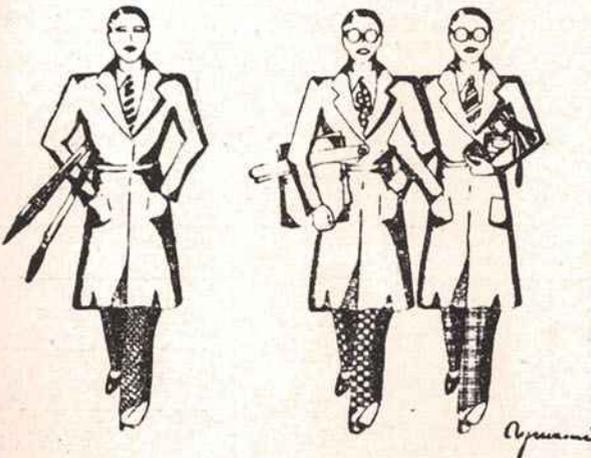


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sobre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sobre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como todas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA A 4.^a EDIÇÃO

Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. **12\$50**
Pelo correio à cobrança **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dór — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embaixada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. **12\$00** enc. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LIVRARIA BERTRAND, EDITOU:

POLÍTICA

PELO **DR. RIBEIRO LOPES**
Prefácio do Prof. **MANUEL RODRIGUES**

1 vol. com 216 págs., broch. **Esc. 10\$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17\$00**; broch., **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR **CARLOS MALHEIRO DIAS**

ÍNDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho —
Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire —
Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado **8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado **15\$00**
Pelo correio, à cobrança **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

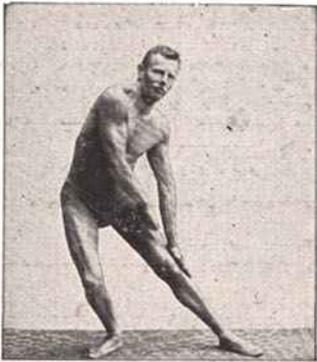
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

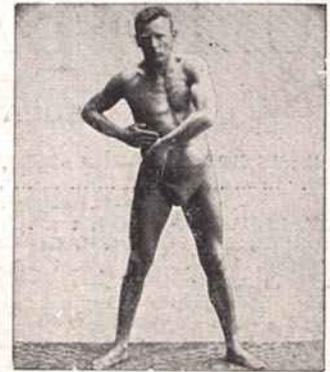
DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO
de um quarto de hora de exercicio
por dia



O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**
pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança (mais 1\$50)

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confere- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Confere- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÃO — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa—Medicina prática—Maternidade
— Mobiliário—Jardinagem—Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



*Com o custo de um banho de
100 litros de água que o
Esquentador Vacuum a petroleo
prepara em 13 minutos!*

ESQUENTADOR VACUUM

MODELOS COM OU SEM CHUVEIRO

Trabalha melhor com
PETROLEO SUNFLOWER

1538